



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ANTÔNIA VERÔNICA CARNEIRO SOEIRO

**BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: FORMAÇÃO LEITORA, INCLUSÃO E
TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL NA PERIFERIA DE FORTALEZA**

FORTALEZA

2022

ANTÔNIA VERÔNICA CARNEIRO SOEIRO

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: FORMAÇÃO LEITORA, INCLUSÃO E
TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL NA PERIFERIA DE FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Barbosa.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catálogo, mediante os dados fornecidos pelo autor

Soeiro, Antônia Verônica Carneiro.

Biblioteca Comunitária: Formação Leitora, Inclusão e Transformação Sociocultural na Periferia de Fortaleza. Antônia Verônica Carneiro Soeiro. 2022, p.101.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Ceará,
Faculdade de Educação, Curso de Graduação em Pedagogia.
Orientação: Profa. Dra. Maria José Barbosa.

1. Biblioteca Comunitária. 2. Incentivo à leitura. 3. Transformação sociocultural.

ANTÔNIA VERÔNICA CARNEIRO SOEIRO

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: FORMAÇÃO LEITORA, INCLUSÃO E
TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL NA PERIFERIA DE FORTALEZA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Pedagogia da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria José Barbosa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Maria José Albuquerque Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho a Deus, à minha Mãe, Maria Carneiro, às minhas filhas, Eveny, Nyvea e Eliza, a quem amo incondicionalmente, e à minha fé, insensatez, teimosia e determinação, pois sem elas não seria possível conquistar meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde física, mental e determinação para não desistir diante dos obstáculos que encontrei ao longo da vida e de minha formação acadêmica.

Agradeço a meu pai, Raimundo Nobre (*in memoriam*), que, mesmo em um plano espiritual, cuidou de mim e me protegeu; e à minha mãezinha, Maria Carneiro, que desempenhou com esmero a função de mãe, negligenciando seus próprios interesses e não medindo esforços para me proporcionar um crescimento não só como pessoa, mas também como profissional. A ela dedico todas as minhas conquistas e ensinamentos, pois o seu amor me ensinou que “sonhos são apenas portas, que precisam ser abertas para que possamos adentrar o infinito de possibilidades que nos espera, sonhos são possíveis de realizar quando realmente temos um objetivo a ser alcançado” (mãe).

Agradeço e peço desculpas às minhas filhas, Eveny, Nyvea e Eliza, pelos momentos em que estive distante e ausente enquanto me dedicava aos estudos. Saibam que tudo que fiz e faço é para proporcionar a vocês uma melhor qualidade de vida, e prometo que farei o possível para dedicar o restante de meus dias para recompensá-las.

Agradeço ao meu esposo, Edney, pelas críticas. Sei que, algumas vezes, tinham como objetivo contribuir com a minha evolução e o meu crescimento pessoal e profissional.

Agradeço à professora Maria José Barbosa, por ter aceitado o convite para ser minha orientadora, função que desempenhou com perfeição, dedicação e amizade. Uma verdadeira mestra, atenta e empática às minhas necessidades, principalmente, quando, em alguns momentos, encontrava-me emocionalmente abalada devido a crises de ansiedade, bloqueios do pensar e no processo de escrita. Agradeço a sua confiança, motivação, incentivo e por acreditar no meu potencial quando nem eu mesma acreditava.

Agradeço à amiga Uiara Garcia, que sempre foi tão atenciosa e prestativa, orientando-me e ajudando-me durante o processo de formação.

Agradeço, em especial, à minha prima, irmã, Cristina Nobre, por ser essa escuta acolhedora e o abraço aconchegante que me faz emergir diante de qualquer problema. Agradeço pelo encorajamento, conselhos e, principalmente, por sua contribuição na realização da correção final do trabalho.

Agradeço a todos os docentes que compartilharam seus conhecimentos, que corrigiam e orientavam com respeito e empatia para que eu pudesse me apropriar de todo o conhecimento oferecido.

Agradeço a todos anjos que o senhor Jesus Cristo colocou no meu caminho e que foram e são responsáveis pela criação do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária. Em especial, agradeço à Bernadete Beserra, Maria José Albuquerque, Alexandre Santiago, Luís Távora, Hele Guerreiro, Luciana Venâncio; aos doutores, Lindebergue e Deborah; às minhas comadres, Maria e Marta; à Tia Lucy Soeiro (*in Memoriam*); aos meus amigos e amigas, Sâmya Isabelly, Batista, Aurilene, Marcia Roseclay, Betânia, Raphael, Baticum Proletário, Raquel Vasco, Lucileide, Aparecida Lavor, Iza, Roseclay e Danielle.

Agradeço à revisora Juliana Justa, da equipe Logos Formatações.

Agradeço também às instituições: Faculdade de Educação, Biblioteca Estadual do Ceará, por meio do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas e Comunitárias do Ceará, Instituto Queiroz Jereissati, Colégio da Polícia Militar do Ceará General Edgard Facó e a todos aqueles que contribuiram, de alguma forma, com o nosso projeto de promoção e incentivo à leitura.

Agradeço à Pró-Reitoria de Extensão, pelo apoio financeiro e institucional, durante o ano de 2020, em que fui bolsista do projeto de extensão Diálogos Reflexivos sobre a Prática Pedagógica dos professores no ciclo de alfabetização, coordenado pela Prof^a Mazé Barbosa.

Agradeço aos integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização - GEPA, que me receberam de braços abertos, pelos ensinamentos, discussões e troca de experiência que aconteceram durante os encontros sobre a temática. Agradeço em especial: às bolsistas Geovana e Jecólia, pela parceria e amizade; às tutoras Natielly, Lara, Jeane, Aleandra, Herinqueta, Elisangela, Milena, Aurinete e Regiane; e à coordenadora, Mazé Barbosa, por todo conhecimento compartilhado.

“Nunca interrompa alguém que está fazendo algo que você disse que não poderia ser feito.”

(Amelia Earhart)

RESUMO

Durante séculos, os estabelecimentos de serviço e acesso à cultura letrada ou literária buscam preservar e compartilhar conhecimentos e informações de seu povo de forma acessível e gratuita. O acesso a esse serviço especializado é considerado uma das principais ferramentas de integração e transformação sociocultural por apresentar um impacto significativo na vida das pessoas que desejam obter conhecimento. A leitura, entre suas infindáveis funções, pode conferir ao indivíduo autonomia para a realização de suas tarefas mais simples, evitando sua segregação socioespacial, aumentando sua autoestima e promovendo melhor qualidade de vida. O Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária, objeto deste estudo, é uma dessas ferramentas de promoção e incentivo à leitura, localizado em uma área vulnerável da periferia de Fortaleza. Este estudo tem como objetivo analisar os efeitos provocados por práticas de incentivo à leitura, realizadas em uma biblioteca comunitária, com crianças do bairro Vila Velha II. A pesquisa tem natureza qualitativa, sendo exploratória a partir de seus objetivos e organizando-se, em sua execução, como uma pesquisa-ação. A fundamentação teórica para análise dos dados baseou-se em autores como Michellé Petit (2010); Garcia (2015), Gohn (2006), Libâneo (2010), Laraia (2001), Castrillón (2011), Abramovich (1997), Freire (1989), Bourdieu (1983; 2007), Santos (2012), Busatto (2003), Milanesi (1983; 2002), dentre outros, que contribuíram para agregar saberes em relação ao tema e ao seu contexto. Conclui-se que as práticas desenvolvidas pelo Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária, por meio do empréstimo de livros literários, contação de histórias, mediação de leitura e disponibilidade de um espaço para realização de estudos e trabalhos pedagógicos, são capazes de despertar o gosto pela leitura em crianças e jovens da comunidade, estimulando a presença e a participação deles nas atividades desenvolvidas pelo projeto.

Palavras-chave: biblioteca comunitária; incentivo à leitura; transformação sociocultural.

ABSTRACT

For centuries, establishments providing service and access to literate and/or literary culture have sought to preserve and share the knowledge and information of their people, in an accessible and free manner. Access to this specialized service is considered one of the main tools for sociocultural integration and transformation, as it has a significant impact on the lives of people who wish to obtain knowledge. Reading, among its endless functions, can give the individual autonomy to perform their simplest tasks, avoiding socio-spatial segregation, increasing their self-esteem and promoting a better quality of life. the Community Library Literary Field Project, object of this study, is one of these tools to promote and encourage reading, located in a vulnerable area of the outskirts of Fortaleza. The purpose of this study is to analyze the effects caused by reading incentive practices, carried out in a community library, on children from the Vila Velha II neighborhood. The research has a qualitative nature, being exploratory in its objectives and being organized in its execution as a research-action. The theoretical foundation for data analysis was based on authors such as Michellé Petit (2010), Garcia (2015), Gohn (2006), Libâneo (2010), Laraia (2001), Castellón (2011), Abramovick (1997), Freire (1989), Bourdieu (1983; 2007), Santos (2012), Busatto (2003), Milanesi (1983; 2002), among others, who contributed to add knowledge in relation to the theme and its context. It is concluded that the practices developed by the Community Library Literary Field Project, through the loan of literary books, storytelling, reading mediation and availability of a space for conducting studies and pedagogical work are able to awaken the taste for reading in children and young people in the community, stimulating their presence and participation in the activities developed by the project.

Keywords: community library; reading incentive; socio-cultural transformation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Etapas da Construção da Biblioteca e detalhes do espaço externo e interno.....	43
Figura 2 – Visita à Biblioteca Sorriso da Criança.....	44
Figura 3 – Roda de conversa com mediadores de leitura.....	45
Figura 4 – Evento em homenagem ao dia do bibliotecário, no auditório Rachel de Queiroz.....	47
Figura 5 – Processo de formação de Leitor.....	48
Figura 6 – Contação de História e Mediação de Leitura.....	50
Figura 7 – Registro da produção Diário de Releitura.....	52
Figura 8 – Oficina de Percussão Ambiental com o arte-educador Baticum Proletário.....	54
Figura 9 – Halloween literário na biblioteca.....	55
Figura 10 – Oficina de Origami “Marca Página Kawaii”	56
Figura 11 – Cine Literário “A estrela de Belém”	57
Figura 12 – Festinha de Natal “Natal Literário.....	58
Figura 13 – Taxas de homicídios em Fortaleza, comparativo entre a população total e a população jovem.....	64
Figura 14 – Canal que cruza os conjuntos habitacionais Vila Velha.....	67
Figura 15 – Gráfico sobre a preferência de atividades.....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma de Atividades do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária em 2021.....	48
Quadro 2 – Cronograma de Atividades do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária 2022.....	59
Quadro 3 – Educação Básica conforme LDB.....	65
Quadro 4 – Perfil dos eleitores cadastrados na Biblioteca Campo Literário.....	68
Quadro 5 – Perfil dos pais e responsáveis entrevistados.....	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Densidade Demográfica Distribuição da Renda e da População do Bairro Vila Velha.....	62
Tabela 2 – Dados populacionais estratificados e Percentuais da População Analfabeta do Bairro Vila Velha.....	66
Tabela 3 – Controle de empréstimo de livros mensal.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIS – Área Integrada de Segurança

BECE – Biblioteca Pública Estadual do Ceará

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

IPLANFOR – Instituto de Planejamento de Fortaleza

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização Não Governamental

OSC – Organização da Sociedade Civil

PMLLLB – Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas

PNSPDS – Plano Nacional de Segurança Pública e Defesa Social

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

RNBC – Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias

SEBP-CE – Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Ceará

SNBP – Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas

SNC – Sistema Nacional de Cultura

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 BIBLIOTECAS: CELEIRO DE IDEIAS, MOTIVADORA DA LEITURA, CULTURA E ARTE E TRANSFORMADORA SOCIOCULTURAL	17
2.1 Bibliotecas públicas e comunitárias no Brasil e no Ceará.....	20
2.2 A importância das bibliotecas comunitárias.....	22
2.3 A atuação do pedagogo nos espaços de educação.....	24
3 EXCLUSÃO/INCLUSÃO: FACES DA VULNERABILIDADE SOCIAL QUE REFLETEM NA FORMAÇÃO DE LEITORES	27
3.1 Exclusão social e violência	27
3.2 Inclusão e a transformação sociocultural	29
3.3 A leitura como ferramenta de transformação pessoal e social	32
4 METODOLOGIA ADOTADA NA PESQUISA E ATIVIDADES DO PROJETO	35
4.1 Metodologia adotada.....	35
4.2 Planejamento pedagógico das práticas de promoção de leitura.....	37
5 O FUTURO É CONSTRUÍDO POR AÇÕES REALIZADAS NO PRESENTE	41
5.1 O projeto é parte da minha história.....	41
5.2 Apropriando-se de outras experiências.....	44
5.3 Relatos sobre a práxis e atividades de promoção à leitura do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária.....	47
6 OLHAR REFLEXIVO SOBRE A PRÁXIS SOCIAL E EDUCATIVA NA BIBLIOTECA E NA COMUNIDADE	63
6.1 Uma breve visão histórica e estatística da Comunidade do bairro Vila Velha.....	63
6.2 Análise a partir dos dados cadastrais, controle de empréstimo de livros e das respostas obtidas a partir do questionário aplicado aos pais e responsáveis.....	70
6.3 Análise a partir de observações e relatos.....	78
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICE A - FICHA DE CADASTRO DO LEITOR	95
APÊNDICE B - MODELO DO QUESTIONÁRIO	96
APÊNDICE C - EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS PÚBLICOS E GRATUITOS DO BAIRRO VILA VELHA	99
ANEXO 1 – RELAÇÃO BIBLIOTECAS PÚBLICAS	

1 INTRODUÇÃO

O hábito e o gosto pela leitura são fatores que contribuem para a formação do leitor. No entanto, é preciso propiciar o acesso ao livro, estimulando e incentivando o interesse pelo universo literário desde cedo. Geralmente, cabe aos pais, familiares e professores a função de apresentar às crianças e aos jovens o maravilhoso e extraordinário mundo da leitura e da escrita. Contudo, outros atores podem contribuir para o despertar do gosto pela leitura, utilizando-se de boas ferramentas, como contação de história, mediação de leitura, leitura livre, no espaço educacional formal ou não formal.

A história, o conto, a poesia, a literatura de cordel, dentre outros gêneros textuais e literários, têm o poder de estabelecer relações entre a obra, o leitor ou o ouvinte, proporcionando momentos de partilha de conhecimentos, criando laços entre a vida real e o mundo imaginário da fantasia. Ler e escutar histórias desenvolve, em crianças e adultos, o pensamento lógico, reflexivo e crítico, a interação e a integração, produzindo sentido e significado em suas relações pessoais e sociais.

O ingresso de crianças e adultos no valioso e vasto campo do letramento literário é libertador. A leitura permite ampliar a visão de mundo, identificar e mediar situações de conflitos, promover narrativas plurais que possibilitam a construção da identidade do leitor. A imersão em uma obra literária estimula as percepções, os sentimentos, os prazeres, reais ou fantasiosos, nos leitores e ouvintes.

A autora Abramovick (1997, p. 152) diz que: “[...] Ler é um lazer que pode ser saboreado a qualquer hora e que até dispensa companhia. [...] É um dos poucos brinquedos que se pode brincar sozinho (ou junto com as personagens ...)”. Ao ler, as concepções e faculdades intelectuais podem reconhecer o abstrato e o concreto e, ainda assim, promover a ruptura dos sentimentos e sentidos que aprisionam a mente do leitor, deixando-o livre para usufruir do deleite que a leitura é capaz de oferecer.

As práticas diárias de leitura, além de serem consideradas por muitos especialistas um momento de lazer e reflexão, também têm o poder de transformar medo em coragem. Coragem para enfrentar as desigualdades socioculturais, materiais, afetivas e até mesmo a violência. Segundo Petit (2010), a leitura de um bom livro em momentos de crise tem a capacidade de suavizar as dores e os sofrimentos vividos. Para a autora, é em meio aos momentos de crise que os transtornos acontecem e os vínculos sociais e afetivos entre os indivíduos se rompem. Ela diz, ainda:

[...] a violência permanente e generalizada, [...] desperta nas pessoas [...] feridas antigas, reativam o medo do abandono, abalam o sentimento de continuidade de si e a autoestima. Provocando às vezes uma perda total do sentido, mas podem igualmente estimular a criatividade e a inventividade, contribuindo para que outros equilíbrios sejam forjados, pois em nosso psiquismo, como disse René Kaës, uma crise libera, ao mesmo tempo, forças de morte e forças de regeneração. (PETIT, 2010, p. 21).

Nesse contexto, é possível perceber que o crescimento descontrolado da violência, das desigualdades e da vulnerabilidade social está associado diretamente ao processo de exclusão social. Pode-se destacar a falta de acesso à cultura, bens e serviços, a insegurança, a desvalorização, o desemprego, a pobreza, dentre outras mazelas sociais, como fatores que desencadeiam a exclusão dos indivíduos. Outros pontos de destaque são a escassez de bibliotecas públicas em Fortaleza e a carência de programas de incentivo à leitura, principalmente nas regiões periféricas.

Daí, surgem os questionamentos: É possível um projeto de promoção e incentivo à leitura contribuir para a formação e reestruturação das relações socioafetivas, socioemocionais, socioculturais e socioeducacionais entre os cidadãos na comunidade em que estão inseridos? Como um projeto de iniciativa popular, através de um espaço de incentivo à leitura, pode contribuir para a inclusão e transformação sociocultural em uma comunidade? Para obter respostas para esses e outros questionamentos, é preciso estudar os registros bibliográficos e históricos; compreender o contexto social, econômico, educacional e cultural da comunidade; conhecer e promover práticas inclusivas de acesso ao livro e à leitura; refletir sobre os benefícios alcançados e obstáculos impostos; e buscar desenvolver estratégias para tornar as práticas mais abrangentes.

O presente trabalho traz análises com base em registros, observações e relatos acerca de um projeto que tem como premissa atuar na promoção e incentivo à leitura como ferramenta de inclusão e transformação sociocultural de crianças, jovens e adultos que residem na comunidade periférica do bairro Vila Velha II, em Fortaleza, por meio de uma biblioteca comunitária. Esse equipamento social atua sem fins lucrativos e é fruto do desejo de uma moradora do bairro, hoje coordenadora desse espaço comunitário e autora deste trabalho.

A relevância desta pesquisa encontra-se, em primeiro lugar, na ação voltada para crianças e adolescentes de uma comunidade socialmente vulnerável e afastada de políticas públicas que favoreçam a formação cidadã, delineando melhores perspectivas de vida. Além disso, oportuniza o registro das ações de uma biblioteca comunitária, espaço cada vez mais escasso na sociedade, descrevendo sua importância para a comunidade na qual está inserida. Outro ponto relevante desta pesquisa é a reflexão sobre a ação de pedagogos em espaços não

escolares. Nesse sentido evidencia-se como problemática central do estudo: qual é a contribuição do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária na formação de crianças na periferia de fortaleza?

O objetivo geral do estudo é investigar a contribuição do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária na formação de crianças leitoras na periferia de Fortaleza.

Os objetivos específicos são: analisar como a implantação de uma biblioteca comunitária pode contribuir para a apropriação da cultura letrada; identificar algumas estratégias e abordagens socioculturais de leitura que inspiram a transformação dos cidadãos; refletir sobre as estratégias e as abordagens utilizadas para a promoção da inclusão através de práticas diárias de leituras livres e mediadas sobre diferentes gêneros textuais e literários. Também se busca compreender qual é o papel do pedagogo na organização e no planejamento de estratégias para a formação de uma comunidade leitora.

Com base nos objetivos, optou-se por realizar uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa. No que se refere aos procedimentos técnicos de coleta de dados, realizou-se “uma pesquisa-ação, haja vista que, ao mesmo tempo que a pesquisadora investiga o projeto, também se responsabiliza por sua realização”, Gil (2002, p. 54). Assim, contém uma narrativa autobiográfica da implantação e do desenvolvimento da biblioteca comunitária. Como instrumentos para coleta dos dados, adotou-se a aplicação via *Google Form*. de um questionário aos pais e responsáveis. Ademais, fez-se o registro das manifestações discursivas das crianças, adolescentes e adultos, bem como dos pais e responsáveis por ocasião da observação, e a escuta ativa realizada durante as atividades promovidas. Há, também, como meio de investigação, análise de registros estatísticos e históricos, além de documentos gerados no projeto, a saber: (i) registro de inscrição do leitor; (ii) controle de empréstimos de livros; (iii) registro fotográfico do espaço, do acervo e das crianças durante as atividades.

Para dar suporte às análises e à fundamentação desta pesquisa, realizou-se levantamento de bibliografia relacionada ao tema, citando como autores fundantes: Michellé Petit (2010), Garcia (2015), Gohn (2006), Libâneo (2010), Laraia (2001), Castrillón (2011), Abramovich (1997), Freire (1989), Bourdieu (1983; 2007), Santos (2012), Busatto (2003), Milanesi (1983, 2002), dentre outros que tratam desta temática.

O texto encontra-se organizado em sete capítulos. O primeiro capítulo, **Introdução**, traz a contextualização, justificativa, objetivos da pesquisa, bem como a organização dos capítulos. O segundo, **Bibliotecas: celeiro de ideias, motivadora da leitura, cultura e arte e transformadora sociocultural**, apresenta conceitos gerais de bibliotecas, resgatando um pouco a história sobre como surgiram e foram se transformando ao longo do tempo. Traz, ainda, um

pouco das bibliotecas públicas e comunitárias do Brasil e do Ceará, além de destacar a importância da leitura e o papel do pedagogo na biblioteca. O terceiro capítulo, **Exclusão/inclusão: faces da vulnerabilidade social que refletem na formação de leitores**, aborda a situação social vivenciada nas periferias e como tal situação influencia na formação de crianças e adolescentes. Ademais, apresenta como as bibliotecas podem ser um caminho de transformação dessa realidade. O quarto capítulo, **Métodos de pesquisa e atividades do projeto**, apresenta os procedimentos metodológicos adotados e descreve de forma sucinta as atividades desenvolvidas pelo projeto. O quinto capítulo, **O Futuro é construído por ações realizadas no presente**, faz um resgate histórico da criação do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária, elenca alguns fatores que colaboraram para a sua existência e apresenta o relato das vivências do projeto e outras experiências similares em espaços de promoção à leitura. No sexto capítulo, **Olhar reflexivo sobre a práxis social e educativa na biblioteca e na comunidade**, apresenta os resultados obtidos e detalhes da experiência realizada, refletindo sobre os aspectos relevantes das ações promovidas e sobre as dificuldades encontradas. Por fim, no capítulo sete, **Considerações finais**, faz-se o fechamento deste estudo, apresentando conclusões, limitação da pesquisa e sugestões para trabalhos futuros.

2 BIBLIOTECAS: CELEIRO DE IDEIAS, MOTIVADORA DA LEITURA, CULTURA E ARTE E TRANSFORMADORA SOCIOCULTURAL

Neste capítulo, faz-se uma revisão sobre o histórico da biblioteca, foram apresentados fragmentos de sua existência no Brasil e no Ceará, além da reflexão sobre a atuação do pedagogo em espaços não escolares de educação não formal.

Há muito tempo, no continente asiático, em uma localidade chamada Mesopotâmia, localizada entre os rios Tigre e Eufrates, viviam inúmeros povos, dentre eles: os Sumérios, os Amoritas, os Assírios, os Caldeus, os Acádios e os Elamitas. Esses povos se destacaram por sua inteligência e, por esse motivo, essa região até hoje é considerada o “berço da humanidade”. Foram eles que criaram a primeira forma de escrita da humanidade, a escrita cuneiforme, e por meio dela começaram a registrar suas conquistas. Foram eles também quem construíram, na cidade de Nínive, por volta de 668-630 a.C, a primeira biblioteca da humanidade (SOUZA, 2005). Entende-se que Nela, começaram a registrar e armazenar informações consideradas importantes para a preservação e sobrevivência de nossa espécie.

Diante do questionamento: Será que existe um espaço capaz de armazenar tais informações e conhecimentos e compartilhá-los de forma igualitária? Acredita-se que a resposta dada por esses povos antigos seja a biblioteca, e tal resposta ainda perdura até os dias atuais como uma boa solução para o questionamento, ainda que o compartilhamento, nem antes e nem agora, aconteça de forma igualitária. Hoje, é possível afirmar que a história da biblioteca caminha junto com a evolução da humanidade e que foi por meio da escrita que o homem começou a registrar o que pensava, ouvia, via, lia e vivia, além de seus costumes e cultura.

Segundo Battles (2003), as bibliotecas mais famosas e importantes da antiguidade foram: a de Nínive, a de Pérgamo, as Romanas e as Gregas. Ele destaca, principalmente, a biblioteca de Alexandria, que durante sete séculos conservou o maior acervo cultural, patrimonial e científico da antiguidade.

Quanto à conservação e manutenção de documentos e acervos históricos nas bibliotecas, o autor Souza (2005, p. 35) relata: “[...] nenhuma Biblioteca da Antiguidade sobreviveu”. Assim, muitas das informações contidas nas bibliotecas gregas e romanas sucumbiram à mão do homem e à ação do tempo.

Na Idade Média, as bibliotecas seguiam a mesma organização, funcionalidade e finalidade das bibliotecas antigas. No entanto, nesse período surgiram novas nomenclaturas (monacais, bizantinas e particulares) e foram atribuídas novas funções às bibliotecas.

As bibliotecas monacais e bizantinas, conforme Martins (2002), se encontravam no interior das abadias e mosteiros. Ele relata que os monges eram responsáveis pela realização e pelo registro de cópias dos exemplares, assim como pela confecção de capas em couro para dar maior sustentação e suporte às folhas dos livros. O autor ressalta que, assim como no período antigo, grande parte da população medieval também não tinha acesso aos conhecimentos.

As bibliotecas particulares medievais pertenciam à classe nobre representada por imperadores e grandes senhores. O espaço e acervo bibliográfico dessa elite leitora, segundo Santos (2012), eram valiosos e podiam conter cerca de cem mil volumes. No entanto, o grande marco da época medieval foi o surgimento das universidades e, com elas, as bibliotecas universitárias.

Ao parafrasear Battles (2003), Santos (2012, p. 185) relata que foi a partir desse momento que a biblioteca de Paris abriu suas portas para “[...] a crescente onda de leigos ricos e instruídos, nobres e mercadores para quem o patrocínio do saber e a posse de belos livros eram manifestação de status social [...]”. Sendo a posse e o uso dos livros uma forma de manifestação de *status* social.

Santos (2012), ao mencionar Milanesi (2002), afirma que, no período Renascentista, houve uma maior preocupação em relação à arquitetura das bibliotecas, à acomodação dos livros, à sua situação física e à catalogação. Segundo Santos (2012), foi neste período que surgiu a figura do bibliotecário, o ser que assume a responsabilidade pela sustentação dos acervos e das bibliotecas. O autor Milanesi destaca que:

[...] em O Nome da Rosa, [...] emerge a figura misteriosa do bibliotecário do convento, que levava a chave de um mundo complexo e misterioso [...], no Renascimento ele surge como um guia de ajuda na caminhada por um mundo novo e aberto. (MILANESI, 2002, P.07).

Assim, pode-se dizer que, a partir do Renascimento, a biblioteca assumiu seu papel democrático. Entretanto, assim como nos períodos anteriores, a procura e o acesso ao conhecimento pertenciam à elite, aos nobres, mercadores, duques, reis, papas, que eram os homens de letras da época. Nota-se também que essa evolução das bibliotecas aconteceu devido ao desejo de nobres e membros de classes mais abastadas pelo conhecimento e o *status* a ele atrelado. Sendo assim, as bibliotecas foram, e continuam a ser, um importante instrumento de obtenção de conhecimentos e desenvolvimento sociocultural humano, contribuindo nos processos de aquisição, apropriação e preservação da cultura, da leitura e da escrita. Santos (2012, p. 187) complementa que:

[...] A biblioteca não deve ser entendida apenas como um fenômeno social e cultural, mas sim como uma instituição social das mais complexas e importantes do sistema de comunicação humana, sendo responsável pela preservação e transmissão da cultura.

Esse trecho reafirma a importância das bibliotecas. Também ressalta e defende como uma das principais ferramentas de preservação e compartilhamento de conhecimento humano.

A história da biblioteca é antiga, mas Milanesi (2002, p. 15) ressalta que o processo de apropriação da escrita é recente:

Da pedra, argila, papiro, pergaminho e papel à memória das máquinas o salto foi curto: poucos milhares de anos. Nesse período, relativamente breve, o homem em paralelo à capacidade de registrar o pensamento, aprendeu a organizar esses documentos, fazendo com que os registros precedentes fossem determinantes do pensamento subsequente.

Assim, é impossível dissociar a invenção da escrita, a história da biblioteca e a evolução da humanidade, pois elas caminharam juntas.

O minidicionário da Língua Portuguesa Houaiss (2010, p.105) define o termo biblioteca como “Coleção de livros, local onde se guardam, ordenam e catalogam livros e outros impressos para consulta, leitura e empréstimo ao público”. No entanto, o autor Lemos (2005, p. 101-102) promove uma boa reflexão quando diz que:

[...] Nem toda coleção de livros é uma biblioteca, do mesmo modo que nem toda biblioteca é apenas uma coleção de livros. Para haver uma biblioteca, no sentido de instituição social, é preciso que haja três pré-requisitos: a intencionalidade política e social, o acervo e os meios para sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização; uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas, e, por último, mas não menos importante, o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca. [...] Em geral define-se biblioteca como um acervo de materiais impressos (livros, periódicos, cartazes, mapas, etc.), ou não-impressos, como filmes cinematográficos, fotografias, fitas sonoras, discos, microformas, cederrons, devedês, programas de computador, etc. e mantidos para leitura, visualização e consulta.

A abordagem adotada por Lemos (2005) elenca um maior número de informações, serviços e recursos oferecidos por uma biblioteca, além de abordar pontos relevantes do contexto físico, social, político, econômico, cultural e suas interações com a comunidade. Portanto, pode ser considerada como uma definição mais satisfatória e bem conceituada.

Foi possível observar, na literatura consultada, que mudanças ocorreram em relação à origem, à finalidade e ao próprio conceito da palavra biblioteca, bem como que sua própria definição é subjetiva. Milanesi (1983, p. 93) acrescenta que:

A biblioteca não pode ser algo distante da população como um posto médico que ela procura quando sente dor. Ela deve ser um local de encontro e discussão, um espaço onde é possível aproximar-se do conhecimento registrado e onde se discute criticamente esse conhecimento. No entanto, esses registros devem ter uma relação com a coletividade, ou que ela consiga relacionar a sua vida com a informação disponível. Caso contrário teremos acervos inúteis.

Diante do exposto, tem-se em destaque um importante aspecto que envolve a concepção desse espaço social, no qual a biblioteca pública e comunitária tem um propósito democratizador da leitura, buscando torná-la acessível a ponto de produzir a inquietação e a reflexão dos indivíduos sobre sua realidade. Bem como se ressalta que as bibliotecas influenciam no processo de formação cultural e social, individual e coletivo.

2.1 Bibliotecas públicas e comunitárias no Brasil e no Ceará

Como mencionado anteriormente, é impossível não relacionar a invenção da escrita e a apropriação da leitura ao surgimento da biblioteca. Contudo, cabe destacar que os processos de apropriação da leitura e da escrita no Brasil se deram de maneira diferente dos vivenciados no velho mundo, haja vista que se trata de um país colonizado, cujo primeiro contato que os nativos tiveram com os livros e a escrita ocorreu durante a colonização, quando jesuítas e outras companhias católicas vieram para evangelizar e “civilizar os índios” (expressão comumente utilizada para mascarar o processo de aculturação dos povos originários).

Ademais, quando os livros vindos da Europa chegavam ao nosso território, enfrentavam algumas barreiras, desde a alfândega até as censuras, como relata Milanesi (1983, p. 24.) “Os portugueses foram sempre rigorosos com a publicação e a circulação de impressos [...]”. Milanesi também afirma que, como em períodos anteriores no velho mundo, os livros eram fontes de ensinamentos, disseminação de conhecimento e cultura entre os povos, e o acesso a um acervo literário diversificado pertencia tão somente aos nobres e religiosos. Esses foram os repositórios mais abastecidos no período colonial. O mesmo autor acrescenta que somente por volta de 1811 foi criada a primeira Biblioteca Pública do Brasil, na Bahia, e que, só após a independência do Brasil, o acesso ao livro ganhou amplitude e notoriedade.

A professora e historiadora Isabel Aguiar (2021, s/p), em um breve levantamento histórico sobre a biblioteca no Ceará, relata que, no Brasil, a Biblioteca Provincial do Ceará foi a quarta a ser fundada, o que ocorreu no dia 25 de março de 1867. Ela afirma que, no Estado

do Ceará, foi criada a primeira Academia Literária do Brasil, no entanto, destaca que o público que tinha acesso era restrito e a classe que mais frequentava a biblioteca era a elite da época.

Com o passar do tempo, diversos incêndios destruíram boa parte do acervo da Biblioteca Pública Estadual do Ceará. Esta mudou de endereço inúmeras vezes, tendo sido fechada para reforma no ano de 2014. Parte do acervo preservado foi levado para alguns galpões da Ferroviária João Felipe, que recebeu os visitantes, no período entre 2015 e 2019, até que a reforma do novo edifício fosse concluída. Em 12 de agosto de 2021, a Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE), localizada na Av. Presidente Castelo Branco, Av. Leste Oeste, 255 - Centro, Fortaleza, reabre suas portas e, de forma imponente, disponibiliza para o público um acervo de mais de 100 mil títulos dos mais diferentes gêneros literários.

Segundo publicação do autor Herculano (2021, s/p), disponível no portal do Governo do Estado do Ceará, a reinauguração da Biblioteca Pública Estadual do Ceará representa um marco importante para a cultura no Estado. De acordo ainda com a matéria, o Secretário de Cultura do Estado do Ceará, Fabiano Piúba, diz:

Hoje é um dia muito especial para todos que fazem a cultura do Ceará, estamos reabrindo e entregando de volta ao povo a instituição mais antiga em funcionamento do Estado. É um dia histórico. Agora temos um novo conceito de toda a estrutura, que passou por uma modernização e agora está aberta com o mesmo nível de equipamentos culturais e bibliotecas do Rio, São Paulo, Paris e Nova York, além de disponibilizar um dos maiores acervos do Brasil. (HERCULANO, 2021, s/p).

A publicação traz ainda a fala do governador Camilo Santana, que diz:

A Biblioteca Pública Estadual do Ceará reabre suas portas, imponente e renovada. [...] um espaço democrático para todos os públicos, com segmentos especiais para pessoas com necessidades especiais, idosos, crianças, jovens e adultos, seja para a pesquisa acadêmica ou para fins de diversão. Temos um ambiente convidativo e é um patrimônio do nosso Ceará [...]. (HERCULANO, 2021, s/p).

Conforme o relatório interno disponibilizado pela coordenação do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas e Comunitárias do Ceará SEBP/CE, de abril de 2022, o Estado possui cerca de 398 bibliotecas públicas e comunitárias registradas. Desse total, 196 são bibliotecas públicas e 202 são comunitárias. Na capital, tem-se cinco bibliotecas públicas: Biblioteca Pública Municipal Dolor Barreira, Biblioteca Pública Municipal Cristina Poeta, Biblioteca Infantil Herbênia Gurgel, Biblioteca Prof. Gilmar de Carvalho e Biblioteca Pública Estadual Governador Menezes Pimentel, conhecida como BECE - Biblioteca Pública Estadual do Ceará. As outras 191 bibliotecas públicas atendem aos demais municípios do Ceará. Quanto às 202 Bibliotecas Comunitárias, tem-se 70 unidades distribuídas nos bairros da capital cearense e o

restante delas (132) em municípios do interior do estado. A lista completa das bibliotecas do Estado do Ceará encontra-se no Anexo 1 - Bibliotecas Públicas do Ceará e no Anexo 2 - Bibliotecas Comunitárias do Ceará.

Destaca-se também a atuação da Rede Jangada Literária, um coletivo composto por bibliotecas e representantes da cadeia do livro que atua na luta por políticas públicas de leitura, na promoção do acesso ao livro e na leitura como direito humano. Atualmente, essa rede conta com dez bibliotecas comunitárias no Ceará. Destas, nove estão situadas em Fortaleza. Os integrantes da rede incidem principalmente nos espaços de discussão de políticas voltadas para a criação e manutenção de bibliotecas comunitárias e no reconhecimento desses espaços como equipamentos culturais das comunidades nas quais estão inseridas. De acordo com Roberta Rezende (2020), a Rede de Leitura Jangada Literária desenvolve diferentes eventos a fim de dialogar com a sociedade acerca do atual cenário envolvendo o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas comunitárias em Fortaleza e Região Metropolitana.

2.2 A importância das bibliotecas comunitárias

A biblioteca comunitária é um espaço educativo não escolar que busca viabilizar e democratizar o acesso ao livro e à informação por meio da inclusão dos indivíduos. Castrillón (2011, p. 36) afirma que:

Um país requer bibliotecas que possam ir além desse plano mínimo de trabalho. Bibliotecas que, em primeiro lugar, se convertem em meios contra a exclusão social, isto é, que se constituam em espaços para o encontro, para o debate sobre os temas que dizem respeito a maiorias e minorias; bibliotecas onde crianças, jovens e adultos de todas as condições, leitores e não leitores, escolares e não escolares, encontrem respostas a seus problemas e interesses e lhes sejam abertas novas perspectivas.

Segundo informações publicadas na Revista Exame (2018, s/p), 86,7% das bibliotecas comunitárias do Brasil estão localizadas em zonas periféricas urbanas, que enfrentam altos índices de exclusão, violência e pobreza. Das bibliotecas acima mencionadas, 66,5% foram criadas por particulares, grupos de amigos ou movimentos sociais. Esses dados são decorrentes de uma pesquisa coordenada pelo grupo de pesquisa das bibliotecas públicas do Brasil, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em parceria com o Centro de Estudos de Educação e Linguagem, da Universidade Federal de Pernambuco, e o Centro de Cultura Luiz Freire.

Essa pesquisa aponta que a maioria das bibliotecas comunitárias do Brasil foi criada pelos próprios moradores. Estes entendem que o acesso ao livro, à leitura e à cultura tem o poder de transformar a realidade social e esse é o real papel desse espaço educativo, como aponta Castrillón (2011, p. 84):

[...] que a biblioteca pública, de maneira mais comprometida e ativa, acompanhe o indivíduo e a comunidade organizada em direção a uma leitura crítica da realidade, a partir do debate público dos temas que a afetam, com vistas a uma participação consciente em sua transformação. Em outras palavras, que contribua para criar cidadãos mais bem formados e mais bem informados.

Vale ressaltar a importância do trabalho realizado pelas bibliotecas comunitárias nas periferias das grandes cidades onde é expressivo o índice de vulnerabilidade social e são poucos os espaços de convivência social, cultural e artística. Assim, elas se destacam como um ambiente inclusivo que promove a integração comunitária e a formação literária.

Paulo Freire (1989) relata que a biblioteca vai além de um lugar sem vida e cheio de livros. Ela deve ser vista como um espaço cultural de vivências, de abertura para o novo, de ampliar horizontes. Ele diz que a biblioteca:

[...] é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto. Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha se estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica. (FREIRE, 1989, p. 20).

O que Freire nos diz com essa citação é que a biblioteca é uma ferramenta cultural importantíssima para a formação de leitores críticos. Eles buscam apreender e enriquecer seus conhecimentos por meio da prática diária de leitura e, principalmente, por meio das práticas de integração, compartilhamento de experiências e vivências socioculturais entre os leitores.

Petit (2010, p. 165) discorre sobre as contribuições e a importância desse equipamento de promoção à leitura no processo de socialização e harmonização entre as pessoas que fazem parte da comunidade.

Os espaços coletivos de leitura tiram cada um de sua solidão e fazem-no compreender que estes tormentos são compartilhados pelos que estão ao seu lado[...] essas experiências literárias contribuem para a formação de uma sensibilidade e de uma educação sentimental [...].

A comunicação e a troca de conhecimentos que acontecem nesses espaços de leitura tendem a contribuir com a mediação de problemas, conflitos e desentendimentos sociais. Além

de desenvolver a empatia, o raciocínio, a compreensão, a interpretação, a análise crítica e a reflexão sobre fatos e atitudes exercidas pelas pessoas dentro e fora da comunidade.

Assim, as bibliotecas comunitárias contribuem para mudar o paradigma social e cultural de que o acesso ao livro "é coisa de rico" e de que a leitura é só para quem possui poder aquisitivo. Todos precisam ter acesso ao livro e à leitura, precisam aprender a gostar de ler, precisam aprender a refletir e a questionar sobre seus direitos e deveres nos contextos sociais, culturais, políticos e educacionais para que, assim, possam ter a capacidade de transformar a realidade em que vivem.

2.3 A atuação do pedagogo nos espaços de educação

Na formação acadêmica nos cursos de Letras, Sociologia, História, Filosofia, Artes, Cinema, Pedagogia, Biblioteconomia, dentre outros, sempre estiveram presentes estudos, pesquisas e projetos sobre a importância da leitura para a formação e transformação sociocultural dos indivíduos. E, embora esse tema já tenha sido bastante discutido, o acesso desses profissionais aos estabelecimentos de promoção da cultura literária é pouco difundido, principalmente nas bibliotecas comunitárias da periferia dos grandes centros urbanos.

Diante da importância social de se formar leitores críticos e conscientes, deve-se reconhecer o trabalho dos profissionais que atuam em espaços de educação, sejam eles escolares ou não escolares, formais ou não formais. Aqui dar-se-á destaque ao papel dos pedagogos. Mas qual é papel do pedagogo nesses espaços educativos? O objeto de estudo da Pedagogia e do pedagogo é a educação e o processo de ensino-aprendizagem. Assim, o pedagogo é o profissional que, a partir dos conhecimentos adquiridos durante sua formação, pode desenvolver metodologias e atuar em várias instâncias educacionais, tanto em espaços educativos escolares e quanto não escolares. Lorenzetti e Delizoicov (2001, p. 53) citam alguns espaços de educação e relatam algumas atividades pedagógicas que podem ser desenvolvidas:

Os espaços não formais compreendidos como museu, zoológico, parques, fábricas, alguns programas de televisão, a Internet, entre outros, além daqueles formais, tais como bibliotecas escolares e públicas, constituem fontes que podem promover uma ampliação do conhecimento dos educandos. As atividades pedagógicas desenvolvidas que se apoiam nesses espaços, aulas práticas, saídas a campo, feiras de ciências, por exemplo, poderão propiciar uma aprendizagem significativa contribuindo para um ganho cognitivo.

Toda a prática educativa é carregada de uma intencionalidade que implica escolhas, valores e compromissos éticos. Essas práticas educativas, em espaços formais ou informais,

não podem ser concebidas de forma isolada das relações sociais, uma vez que as relações entre grupos e classes sociais norteiam o desenvolvimento da mediação pedagógica.

Tais questões geram uma reflexão sobre a formação do pedagogo e as diferentes funções de atuação desse profissional na promoção da aprendizagem nas diferentes fases do desenvolvimento humano e em diversos níveis e modalidades do processo educativo formal, não formal e informal. O pedagogo é responsável por mediar as técnicas e conhecimentos compartilhados em ambientes não escolares como empresas, hospitais, OSC (Organização da Sociedade Civil), brinquedotecas, bibliotecas, mídias educativas, políticas educacionais, dentre outros.

Para Libâneo (2010, p. 31) a educação não formal “[...] seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação”. Ele também destaca que:

[...] o pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica. (LIBÂNEO, 2010, p. 33).

O autor também ressalta a existência de práticas pedagógicas em diversos espaços de educação não escolar.

[...] Há práticas pedagógicas nos jornais, nas rádios, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidático, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos, revistas; na criação e elaboração de jogos didáticos; nas empresas, há atividades de supervisão do trabalho, orientação de estagiários, formação profissional em serviços. As empresas reconhecem a necessidade de formação geral como requisito para o enfrentamento da intelectualização do processo produtivo. (LIBÂNEO, 2001, p. 153).

Dessa forma, o trabalho pedagógico não escolar e não formal, por mais que não ocupe um papel sistemático e regulamentado dentro do Estado, tem desenvolvido atividades importantíssimas para a formação dos indivíduos que não possuem condições e capacitação necessária para compreender a natureza que se manifesta por trás das ideologias dominantes. Dessa forma, contribui para o desenvolvimento da consciência crítica e social dos indivíduos. Libâneo (2001, p. 176) fala, ainda, da diversidade de profissionais que desenvolvem atividades pedagógicas:

[...] há profissionais que exercem sistematicamente atividades pedagógicas e os que ocupam parte de seu tempo nessas atividades: formadores, animadores, instrutores, organizadores, técnicos, consultores, orientadores [...].

Assim, a dimensão pedagógica no espaço não escolar de educação não formal busca compreender a realidade sócio-histórica para proporcionar, com base científica, uma prática educativa que busque contribuir para a formação intelectual e social dos indivíduos. Também leva em consideração suas aptidões, experiências e necessidades e os prepara para compreender criticamente os conhecimentos abordados, com a finalidade de transformar a realidade social em que vivem.

No próximo capítulo, abordar-se-ão os fatores que favorecem a exclusão e a vulnerabilidade, além de contribuir para a inclusão e formação integral das crianças e dos jovens, e como a leitura pode colaborar para a formação e transformação sociocultural.

3 EXCLUSÃO/INCLUSÃO: FACES DA VULNERABILIDADE SOCIAL QUE REFLETEM NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Neste capítulo, tratam-se de questões relacionadas à inclusão e à exclusão social, destacando-se a situação de violência vivenciada em comunidades e como essa situação influencia na formação de crianças e adolescentes. Nesse contexto, se expõe como as bibliotecas podem ser um caminho de transformação dessa realidade por meio do incentivo à formação leitora.

3.1 Exclusão social e violência

São inúmeros os problemas e agentes que provocam a vulnerabilidade e exclusão sociocultural de crianças e adolescentes em processo de formação. Para Fonseca *et al.* (2013, p. 3) os principais fatores que causam a vulnerabilidade social são:

[...] problemas relacionados ao alcoolismo e conflitos entre casais, que tornam crianças testemunhas de agressões e de toda forma de violência. Os riscos relacionados ao lugar de moradia incluem a precariedade da oferta de instituições e serviços públicos, a falta de disponibilidade dos espaços destinados ao lazer, as relações de vizinhança e a proximidade da localização dos pontos de venda controlados pelo tráfico de drogas. Além de todos esses riscos, podem-se destacar os riscos do trabalho infantil e o da exploração da prostituição de crianças. Ademais, a personalidade e o comportamento de crianças e adolescentes podem torná-los mais vulneráveis aos riscos do envolvimento com drogas, gravidez precoce e prática do roubo. Considera-se que o indivíduo poderá também possuir um favorecimento genético para dependência química e vulnerabilidade psicofisiológica ao efeito de drogas.

Em meio às condições adversas de vulnerabilidade e exclusão social, encontram-se famílias pobres trabalhadoras, com ocupações variadas, outras desempregadas, pessoas com baixa escolarização, imigrantes, idosos, deficientes, dependentes químicos, egressos do sistema penitenciário, pessoas com relações familiares e sociais conflituosas e violentas que residem dentro das comunidades carentes das grandes cidades. Nestes ambientes segregados, onde as necessidades são constantes e urgentes, o trabalho informal e o mundo do crime são alternativas que se apresentam para que jovens e pais de família em situação de vulnerabilidade garantam a subsistência, sua e de seus familiares. Fonseca *et al.* (2013, p. 3) acrescentam que:

[...] Os índices de violação dos direitos das crianças e dos adolescentes, no Brasil, ainda se apresentam elevados, mesmo que os números indiquem tendência de queda. As principais formas de transgressão dos direitos contra esse grupo são o abandono,

o trabalho precoce e a exploração sexual. Em adição, a adolescência é caracterizada por mudanças profundas na vida de um indivíduo. E as diferenças físicas e psíquicas acabam por fazer com que os adolescentes se tornem mais vulneráveis ao consumo de bebidas alcoólicas e ao uso de drogas psicotrópicas. O consumo de álcool pode se relacionar à busca de aceitação em um determinado grupo social. Embora as leis brasileiras, entre elas o ECA, proibam a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos, o consumo de álcool pelos adolescentes no Brasil é preocupante, sendo fortemente induzido pelas estratégias publicitárias.

Quanto ao conceito de vulnerabilidade social, os autores Alvino-Borba e Mata-Lima (2011) relatam que o fenômeno de exclusão social é um processo que envolve a todos, indiferente da classe social e condições que dispõem. Esses autores dizem que:

[...] Tal processo sugere que a sociedade é suscetível à exclusão social. Além dos recursos financeiros e materiais, a exclusão social engloba aqueles que são limitados por uma causa ou uma diversidade de obstáculos, tais como: a discriminação, a falta de oportunidades de emprego local, baixas qualificações, doença crônica, medo do crime e isolamento geográfico. (ALVINO-BORBA; MATA-LIMA, 2011, p. 226).

Ademais, o autor Tsugumi (2006, p. 21) considera o processo de exclusão social algo “[...] perverso, pois condiciona os excluídos a criarem situações que garantam a sua própria sobrevivência através do mercado de trabalho informal ou da ilegalidade”. Complementando essa linha de raciocínio, a autora Cecília Pires (1985, p. 66) diz que: “A falência da ordem tem como consequência a injustiça, o caos e a impunidade”.

Na Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), no âmbito que se refere à segurança, o Art. 144 diz: “A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio”. Mesmo o Estado tendo obrigação de assegurar e garantir, mediante a prestação de serviços e políticas públicas, a segurança da população nacional, vem há décadas se esquivando da responsabilidade. Devido à insuficiência de tais políticas, a população acompanha apática o avanço da violência.

O livro “A Violência no Brasil”, da autora Cecília Pires (1985), traz um relato de indignação do ex-exilado político e jornalista Fernando Gabeira sobre a questão da indiferença dos governantes em relação ao aumento da violência em nosso país. No qual ele diz:

A maioria dos políticos talvez prefira esperar que os tiros resvalam em suas janelas, que os corpos comecem a cheirar insuportavelmente ou mesmo, os mais lentos, que a censura libere, daqui a dez anos, o filme colorido romanceando os acontecimentos. (PIRES, 1985, p. 6).

A violência, fruto do colapso institucional dos órgãos públicos nas áreas do emprego, saúde, educação, segurança e cultura, atinge a todos, indiscriminadamente, “[...] mas

pune apenas uma: a classe pobre [...]”. (PIRES,1985, p. 59). Para a socióloga Victoria Benevides (*apud* PIRES, 1985, p. 59), “[...] a violência é o problema mais grave que o Brasil enfrenta atualmente [...]”. O período mencionado pela socióloga é o ano de 1985, no entanto, após trinta e sete anos dessa constatação, as dificuldades enfrentadas pela população, em relação à violência, vêm se agravando e alcançando proporções catastróficas de atos de violência e selvageria entre os indivíduos.

Pires (1985, p. 16) completa ao dizer que a origem de toda essa violência “[...] não tem uma única causa [...] é fruto do processo de urbanização”. E salienta que a violência “[...] surge e se agrava em função da contradição entre o rural e o urbano e dos desequilíbrios que essa contradição impõe aos moradores de cada meio[...]”. (p. 16).

Neste contexto, cabe destacar alguns dados populacionais de Fortaleza, cidade na qual o estudo se desenvolve. Isto posto, tem-se que Fortaleza é a quinta cidade mais populosa do Brasil e a capital com maior densidade demográfica. Outro dado importante é que a população urbana do Ceará corresponde a mais de 75% e a capital concentra mais de 29% da população do estado (IBGE, 2010). Devido a esse desequilíbrio, ocasionado pela migração desordenada do homem do campo para a cidade, laços de hostilidade entre os indivíduos foram criados e as relações sociais entre eles se fragmentaram, causando exclusão, segregação e o isolamento de uma parte da população, que passou a viver aglomerada nos bairros periféricos das cidades.

3.2 Inclusão e a transformação sociocultural

Para quebrar o paradigma da exclusão social, é preciso promover o processo inverso: a inclusão social. Segundo o relatório da Comissão das Comunidades Europeias (2003 p. 9), a inclusão social é um:

Processo que garante que as pessoas em risco de pobreza e exclusão social acendam às oportunidades e aos recursos necessários para participarem plenamente nas esferas econômica, social e cultural e beneficiem de um nível de vida e bem-estar considerado normal na sociedade em que vivem.

Diante do exposto e levando em consideração o que ocasiona a vulnerabilidade e a exclusão social, precisa-se refletir sobre quais ações podem minimizar a exclusão e promover a inclusão social. Para Tsugumi (2006, p. 21), “A exclusão social é, geralmente, combatida por programas assistencialistas que têm como foco manter os mais vulneráveis com determinado

nível de satisfação, evitando, assim, a rebeldia e os riscos políticos”. Ou seja, os programas assistencialistas não visam solucionar a exclusão social, apenas têm como objetivo manter subjugada a classe mais vulnerável.

Bourdieu (2007) diz que é necessário tornar visível todo o funcionamento errôneo desenvolvido dentro das instituições que marginaliza os que não possuem capital cultural e supervaloriza os que possuem. Torna evidente que o discurso de igualdade que elas pregam não funciona na prática, pois apenas cria um espaço de reprodução e domínio da cultura de uma classe dominante sobre a cultura da classe dominada, contribuindo para a permanência das desigualdades socioculturais na sociedade.

Alvino-Borba e Mata-Lima (2011), parafraseando Wixey *et al.* (2005), afirmam que, para que ocorra a inclusão social, é a necessária a:

Valorização das pessoas e grupos independentes de religião, etnia, gênero ou diferença de idade; estruturas que possibilite possibilidades de escolhas; envolvimento nas decisões que afetam a si em qualquer escala; disponibilidade de oportunidades e recursos necessários para que todos possam participar plenamente na sociedade. (WIXEY *et al.* 2005 *apud* ALVINO-BORBA; MATA-LIMA, 2011, p. 223).

O caminho encontrado por Bourdieu (2007) para quebrar o ciclo de desigualdade é a promoção e o acesso de todos ao capital cultural, o que ocorre por meio da educação. Para melhor esclarecer, apresenta-se a conceituação do termo Capital Cultural do referido autor.

O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da "pessoa", um *habitus*. Aquele que o possui "pagou com sua própria pessoa" e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. Esse capital "pessoal" não pode ser transmitido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição. Não pode ser acumulado para além das capacidades de apropriação de um agente singular; depaupera e morre com seu portador (com suas capacidades biológicas, sua memória etc.). (BOURDIEU, 2007, p. 75).

Para o autor, o *habitus* “é um sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”. (BOURDIEU, 2007, p. 191). Em outras palavras, o *habitus* é o conjunto de elementos que são representados pelos gostos, comportamentos, vivências, práticas e experiências adquiridos durante toda a trajetória de vida educacional, cultural e social de um indivíduo.

O conceito de campo e espaço ao qual Bourdieu (1983, p. 21) se refere quer dizer: [...] um espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um *quantum* social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio”. Também é certo dizer que o campo é o espaço onde ocorrem as relações entre os indivíduos e seus grupos, de forma dinâmica, seguindo e obedecendo às leis, normas, regras e condutas de suas classes.

As leis municipais, estaduais, nacionais e institucionais têm como prerrogativa regular hábitos e condutas dos cidadãos conforme as concepções da sociedade. Não obstante, é dever do Estado combater a exclusão e a vulnerabilidade social e promover a inclusão por meio de programas assistenciais que busquem garantir aos cidadãos o acesso aos direitos.

No âmbito da Educação, a Constituição Federal de 1988 determina na seção II, Art. 205, que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1988)

A educação se desenvolve por meio de ações e atividades sociais, advindas das experiências humanas acumuladas e devidamente organizadas, ou através da relação ativa dos indivíduos com o meio social. A educação tem o importante papel de formar o cidadão para o exercício da cidadania e do trabalho.

No âmbito da cultura, o Art. 215 da Constituição Federal garante a todos os cidadãos “[...] o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. (BRASIL, 1988). E, para compreender o que é cultura, faz-se necessário entender qual é a sua relação com o homem. Assim, a citação do livro “Cultura: um conceito antropológico” diz:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. [...] A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2001, p. 24).

Neste mesmo livro, Laraia (2001) cita um trecho de “O crisântemo e a espada”, escrito por Ruth Benedict, que diz: “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões descontroladas das coisas” (LARAIA, 2001, p. 35). Assim, é possível dizer que o acesso à

educação e a diferentes formas de cultura possibilita ao indivíduo uma maior compreensão do mundo e, conseqüentemente, sua inclusão.

3.3 A leitura como ferramenta de transformação pessoal e social

A leitura literária possibilita ampliação da visão de mundo e o conhecimento de outros horizontes possíveis. Além de ser uma atividade de lazer, entretém, desperta a imaginação e a curiosidade, ativando a criatividade, também favorece a reflexão da realidade vivenciada ou a fuga das dificuldades enfrentadas no cotidiano.

O acesso ao livro, à leitura, à literatura e a biblioteca é direito previsto tanto na Lei 13.696, de 12 de julho de 2018, nos incisos do art. 2º das Diretrizes da Política Nacional de Leitura e Escrita, que determina:

I – a universalização do direito ao acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas; II – o reconhecimento da leitura e da escrita como um direito, a fim de possibilitar a todos, inclusive por meio de políticas de estímulo à leitura, as condições para exercer plenamente a cidadania, para viver uma vida digna e para contribuir com a construção de uma sociedade mais justa; III – o fortalecimento do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), no âmbito do Sistema Nacional de Cultura (SNC). (BRASIL, 2018a).

Isto posto, se reconhece que a biblioteca pode exercer importante papel de incentivar e promover a leitura literária. Em uma entrevista sobre o Projeto Alfalettar, com subtema Biblioteca Escolar e Literatura, concedida ao *Youtube* da Nova Escola (2017), a autora Magda Soares recomenda que as crianças devem ter acesso aos livros livremente. No entanto, o que acontece, muitas vezes, é que as escolas têm biblioteca, mas os livros não são colocados à disposição das crianças. Contudo, é através do manuseio dos livros que as crianças aprendem a importância e o cuidado que devem ter com eles. A autora ainda complementa dizendo que o acesso ao livro e ao universo literário deve estar presente cotidianamente na vida das crianças por meio de práticas de leitura realizadas por familiares em casa, por professores na escola, na biblioteca e em diferentes espaços sociais.

Para a autora Cademartori (2009, p. 23-24), é preciso que se promova a leitura nos mais diversos espaços e diferentes estágios de formação humana, pois a formação do leitor “[...] é um processo que ocorre ao longo do tempo e de distintas maneiras para diferentes pessoas”. Neste sentido, a educação literária desenvolve no indivíduo um salto qualitativo na aprendizagem através das práticas de leitura, escrita e relações socioculturais que acontecem durante a promoção da leitura.

A leitura promove momentos prazerosos, desperta bons sentimentos, estimula a criatividade e a imaginação, como arte e magia, possibilitando descobrir o mundo, transformar a realidade vivenciada, apresentando novos caminhos, novas perspectivas, novos objetivos, ampliando e ressignificando sua visão de futuro. Os autores Falabelo e Leão (2014, p. 230) expressam que:

A leitura e a escrita vão além de mero conhecimento formal, sua aquisição possibilita a compreensão acerca dos fatos, das pessoas, do mundo, mas esse aprender precisa ser usado, praticado para poder ganhar sentido, valor, significado. Não se pode ensinar a escrita para a criança como algo sem importância, desprovido de significado, como uma maneira de copiar palavras, formar frases apenas, sem mostrar a sua importância e indispensavelmente sem fazer ligação com a realidade. A leitura/escrita precisa ser ensinada de forma a fazer parte do funcionamento mental e social da criança.

Freire (1989, p. 12) acrescenta que:

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Assim, cada pessoa tem a sua visão de mundo e é através dela que atua neste. Quando se tem acesso aos livros, é aberta a possibilidade para ampliar essa visão, pois passa a ter contato com outras realidades, outras culturas, outras informações. A leitura proporciona a reflexão de sua realidade, gerando, então, novas formas de ver e agir no mundo, transformando seu cotidiano e a realidade vivenciada.

O acesso ao livro e à literatura, em cenários de crise, violência, vulnerabilidade social e econômica, possibilita ao leitor tanto uma fuga momentânea da realidade quanto uma maior reflexão, compreensão sobre os problemas e desafios emocionais, possibilitando um melhor entendimento sobre si, o mundo e suas emoções. Ademais, a contribuição da família é de fundamental importância para desenvolver na criança o gosto pela leitura. As experiências de leitura em família enriquecem a relação, estimulam momentos de socialização e integração entre os familiares. O autor Abramovich (1997, p. 16-17) diz que:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter o caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas

(tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais [...].

O contato das crianças com o universo letrado desde a infância, além de despertar o gosto pela leitura, favorece a interação, estimula a escuta ativa, a oralidade, a escrita, a linguagem, o pensamento lógico, crítico e reflexivo. Ainda trabalha o lado emocional e psicológico, desenvolvendo a personalidade das crianças por meio das estratégias de leitura e modos de ler que os pais, responsáveis, professores ou mediadores utilizam para realizar a Contação de História e a Mediação de Leitura.

No capítulo a seguir, abordar-se-á os procedimentos metodológicos para a organização do estudo, Além de apresentar os resultados da análise das observações e dados coletados durante a realização das atividades promovidas pelo projeto para integrar e formar uma comunidade leitora.

4 METODOLOGIA ADOTADA NA PESQUISA E ATIVIDADES DO PROJETO

O Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária é um projeto voluntário e sem fins lucrativos, que busca incentivar e promover a leitura, a inclusão e a transformação sociocultural de crianças, adolescentes e adultos que residem nas regiões periféricas do bairro Vila Velha, em Fortaleza, por meio da implantação de uma biblioteca comunitária.

Neste capítulo, abordam-se os procedimentos metodológicos adotados na organização deste estudo, além de apresentar e descrever de forma sucinta as atividades desenvolvidas pelo projeto.

4.1 Metodologia adotada

A pesquisa caracteriza-se por ser de natureza qualitativa por entender que algumas informações não podem ser apenas quantificadas, pois exigem do pesquisador compreensão e análise generalizadas sobre a comunidade e a realidade sociocultural em que o projeto está inserido. Para a autora Minayo (2001, p. 21-22), a pesquisa qualitativa responde a questões particulares:

[...] ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis.

Ademais, a pesquisa é exploratória, pois busca, por meio de registros bibliográficos, observações, aplicação de questionários e coleta de relatos dos participantes e responsáveis atendidos pelo projeto, encontrar respostas referentes aos objetivos propostos neste estudo. No entendimento de Gil (2002, p. 41), a realização de uma pesquisa exploratória tem como objetivo:

[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado [...].

A pesquisa exploratória pode ser uma importante ferramenta na formação de um professor pesquisador. Neste sentido Garcia (2015, p. 17) expressa a importância do processo de pesquisa e relata como o profissional vai se formando:

A cada sucesso ou fracasso, ela se faz perguntas, para as quais busca ou constrói respostas explicativas sobre o sucesso ou fracasso. Ao se tornar pesquisadora vai se tornando capaz de encontrar/construir novas explicações para os problemas que enfrenta em seu cotidiano. Aprende a ver com outros olhos, a escutar o que antes não ouvia, a observar com atenção o que antes não percebia, a relacionar o que não lhe parecia ter qualquer relação, a testar suas intuições através de experimentos, a registrar o que observa e experimenta, a ler teoricamente a sua própria prática, a acreditar em sua capacidade profissional [...].

Assim, essa citação diz que o papel do pesquisador docente se inicia durante seu processo de formação e continua a evoluir durante sua atuação profissional. Ao observar e refletir sobre o que há nas entrelinhas, esse pesquisador busca captar a subjetividade que se expressa através do silêncio, da fala, da escrita, das ações e reações dos indivíduos. Aprendendo a construir respostas e novas reflexões através do diálogo, contribuindo para o respeito dos indivíduos e a valorização do conhecimento.

Quanto aos procedimentos técnicos, o estudo se organiza com influência da Pesquisa-Ação, visto que foi concebida e executada em coparticipação entre pesquisador e participantes. Ao parafrasear Thiollent (1985), Gil (2002, p. 54) define pesquisa-ação como:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. A pesquisa-ação tem sido objeto de bastante controvérsia. Em virtude de exigir o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema, a pesquisa-ação tende a ser vista em certos meios como desprovida da objetividade que deve caracterizar os procedimentos científicos. A despeito, porém, dessas críticas, vem sendo reconhecida como muito útil, sobretudo por pesquisadores identificados por ideologias “reformistas” e “participativas”.

Com esse propósito, e atuando como pedagoga e pesquisadora, buscou-se aprimorar os conhecimentos práticos, metodológicos e pedagógicos para, assim, contribuir no que diz respeito à formação e à transformação da sociedade, com foco na comunidade na qual se está desenvolvendo este estudo.

Para documentar as ações do projeto, foram elaborados formulários de cadastro de leitores, de controle de empréstimo e de registro de participação das atividades. Os dados gerados irão compor a análise periódica, que acontecerá em consonância ao desenvolvimento das ações propostas no projeto. Essa reflexão se faz necessária para que sejam feitos os ajustes ao bom desenvolvimento do projeto e para elencar as necessidades de aprimoramento. Ademais, fez-se o levantamento das atividades realizadas, avaliando quantitativamente o número de pessoas cadastradas e a quantidade mensal de empréstimo dos livros; e, qualitativamente, o grau de frequência no espaço, a utilização dos equipamentos, o manuseio dos livros, a aquisição

de conhecimento através da socialização, interação e participação nas atividades desenvolvidas pelo projeto.

Assim, as análises se baseiam em registros documentais primários e secundários, observações, relatos e informações obtidas via questionário. Os documentos primários correspondem às fichas de cadastro de leitores e ao controle de empréstimos do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária. O modelo de ficha de cadastro de leitores encontra-se no Apêndice A. As informações obtidas em instituições governamentais acerca de características da cidade, do bairro e da comunidade correspondem à análise de documentos secundários.

A observação e a escuta ativa dos participantes, em meios às atividades executadas pelo projeto, possibilitaram o enriquecimento da análise. Além disso, optou-se por realizar também a coleta de relatos dos pais e responsáveis, de forma a permitir a interação de todos no processo.

Ademais, para acrescentar informações necessárias à análise proposta, fez-se uma coleta de dados, aplicada aos pais e responsáveis, a partir de um questionário produzido pela ferramenta *Google Forms* e compartilhado via rede social *WhatsApp* da biblioteca. O questionário foi organizado de forma estruturada, contendo 20 questões, com respostas do tipo múltipla escolha e dissertativa. Este foi elaborado de forma a obter mais informações sobre as famílias dos leitores cadastrados e os efeitos provocados por práticas de incentivo à leitura promovidas pela biblioteca comunitária. O modelo do questionário encontra-se exposto no Apêndice B.

Os resultados são apresentados e discutidos a partir de informações organizadas em tabelas e gráficos, além de transcrições de relatos e observações. Na apresentação dos relatos, usa-se nomes de flores em substituição aos nomes dos participantes e responsáveis, preservando o anonimato de todos.

4.2 Planejamento pedagógico das práticas de promoção de leitura

O Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária é um investimento consciente no desenvolvimento de hábitos de leitura e escrita. Configura-se como um espaço acolhedor, com acervo literário diversificado e promotor de atividades literárias e culturais gratuitas. O trabalho com os gêneros literários e textuais de forma contínua com crianças e adolescentes é de extrema importância para criar o hábito da leitura e inseri-los no universo do letramento.

A leitura tem a capacidade de cativar o leitor, ela permite que pense, questione, reflita, perca a noção e a dimensão de tempo e espaço. Ela nos embriaga com o aroma de tinta

fresca, nos faz estabelecer relações sociais, priorizar e valorizar as experiências em família e na comunidade. As atividades promovidas por uma biblioteca comunitária devem compreender essas dimensões.

As atividades planejadas e desenvolvidas pelo Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária possuem intencionalidade educativa, artística, cultural e social. Assim, buscam promover a interação e a integração entre os leitores, e deles com a comunidade em geral, bem como o crescimento pessoal, emocional, intelectual e sociocultural por meio do acesso ao livro e à leitura literária. As atividades propostas encontram-se organizadas em três grupos, como listado abaixo, e serão descritas de forma sucinta a seguir.

- Atividades mediadas de incentivo à literatura
 - Ciranda literária - Contação de histórias e mediação de leitura
 - Diário de releitura
 - *Podcast*
- Atividades de incentivo à autonomia dos leitores
 - Leitura livre ou deleite
 - Empréstimos de livros
 - Espaço para atividades de estudo e pesquisa física ou virtual
- Atividades de integração
 - Cine literário
 - Oficinas de artes, cultura e artesanato
 - Eventos de confraternização

A Ciranda Literária corresponde às atividades de contação de histórias e mediação de leitura e acontecem de segunda à sexta. Nos momentos de Contação de História e Mediação de Leitura, é estendido sobre o piso um tapete quadriculado colorido, onde são expostos os livros. Também são distribuídas almofadas para as crianças, o que torna o ambiente convidativo, aconchegante e prazeroso para a realização da leitura. Essas atividades são mediadas, sendo realizada a predição de leitura, com apresentação da capa, informações sobre a história, as ilustrações, seus autores, bem como são feitas intervenções durante e após a contação de história para estimular a participação ativa, esclarecer curiosidades e destacar aspectos morais e éticos presentes na história e no cotidiano dos participantes. Haja vista que algumas crianças já dominam a leitura, estas são convidadas a realizar a contação de histórias enquanto outras crianças leitoras ou ainda na fase de pré-alfabetização atuam apenas como

ouvintes. Juntas, as atividades de contação de história e mediação de leitura procuram promover a autonomia e dar voz para que os leitores possam se expressar, experienciar, vivenciar e compartilhar seus conhecimentos.

A produção do diário de releitura acontece após a realização da contação de história e mediação de leitura. Nessa atividade, os leitores e ouvintes se expressaram de forma livre, produzindo desenhos ou relatos acerca do que mais gostaram durante o momento da ciranda literária. Cabe destacar que é importante que elas tenham contato com o mundo da leitura para ampliar sua visão de mundo. Quem lê amplia seu vocabulário, melhora a escrita e o entendimento, dá um novo sentido às coisas, enxerga novas possibilidades e aumenta o interesse pelos estudos. E a escrita, após o contato com a literatura, é a materialização do pensamento e da leitura de mundo realizada pela criança.

O *podcast* Contando História consiste na produção de conteúdo, em mídias de áudio ou vídeo, e acontece aos sábados à tarde, a cada 15 dias. Os contadores de histórias são os próprios leitores da biblioteca, que são responsáveis por escolherem a história e darem o tom da narrativa. O conteúdo produzido é compartilhado no grupo de *WhatsApp* da biblioteca, que envolve os inscritos no projeto e seus familiares.

A Leitura livre ou deleite é uma atividade de leitura autônoma, que pode ou não partir de dicas para a escolha do livro, e permite que o leitor se utilize de seus conhecimentos prévios. Ela acontece em diversos momentos, inclusive antes da contação de história e da mediação de leitura. Essas práticas de leitura têm como objetivo proporcionar momentos de leitura por prazer e aquisição de conhecimentos através dos diferentes gêneros textuais e literários.

O empréstimo e a devolução de livros, revistas, gibis, HQs, acontece de segunda à sexta-feira, no turno da manhã. Os empréstimos são disponibilizados apenas para as pessoas cadastradas na biblioteca mediante apresentação do cartão do leitor.

A realização de estudo e pesquisa no espaço da biblioteca acontece no período da tarde, de segunda à sexta-feira. Nesses horários, é possível realizar reuniões, pesquisas educacionais individuais e em grupo, elaboração de trabalhos escolares, visto que o espaço dispõe de acervo literário e material didático diversificado, além de infraestrutura básica com banheiro, mobília, computador, internet e impressora.

O Cine Literário acontece no sábado à noite, uma vez por mês. Nesse momento, apresenta-se de forma adaptada uma obra literária. A escolha do filme está atrelada a outras atividades realizadas na biblioteca, como a ciranda literária, possibilitando que os participantes realizem a comparação, análise e avaliação sobre o formato da obra, literária e cinematográfica,

e o que mais lhe cativou em cada uma delas. Essa atividade, além de possibilitar relações pessoais e socioculturais aos leitores, em alguns casos oferece o primeiro contato consistente com a sétima arte.

As oficinas acontecem uma vez por mês, aos sábados, são mediadas pela própria coordenadora do projeto e, às vezes, contam com a mediação de educadores sociais de outras instituições. As atividades desenvolvidas são voltadas ao desenvolvimento de: habilidades artísticas, envolvendo artesanato e instrumentos musicais; conscientização ambiental, com uso de materiais reciclados nas produções; e fortalecimento da cultura e da socialização.

Os eventos de confraternização acontecem no sábado à noite, sem uma frequência determinada, e estão atrelados a datas comemorativas e culturais. Essa atividade busca promover o sentimento de pertencimento, a integração e a socialização da comunidade com o espaço da biblioteca. A realização dessa atividade, geralmente, depende da colaboração de pessoas externas à comunidade, que contribuem não só financeiramente para a compra de lanche e materiais voltados às outras atividades realizadas pelo projeto, bem como participam presencialmente da organização e desses momentos de confraternização.

No capítulo a seguir, apresenta-se um breve relato histórico sobre os fatores que contribuíram para a criação do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária. Além disso, faz-se um relato autobiográfico sobre a vida idealizadora, suas vivências e experiências em espaços de promoção à leitura, como também relata sua atuação no projeto, e as atividades promovidas e realizadas desde a inauguração.

5 O FUTURO É CONSTRUÍDO POR AÇÕES REALIZADAS NO PRESENTE

Neste capítulo, se dá a apresentação do nosso objeto de estudo, o Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária, com o objetivo de fazer um resgate histórico de seu surgimento e elencar alguns fatores que colaboraram para a sua existência. Além disso, faz-se um relato autobiográfico das vivências da idealizadora desse projeto ao conhecer e participar de experiências similares em espaços de promoção à leitura. Por fim, relata as atividades realizadas quando da inauguração e atuação do projeto.

5.1 O projeto é parte da minha história

O sonho nasceu quando a idealizadora do Projeto, e autora deste estudo, ainda era uma menina descabelada que morava em uma fazenda chamada “Cumbe”, no interior da cidade de Jaguaretama-Ce. Foi nesse ambiente, no meio do sertão castigado pela seca, que, ainda menina, curiosa, questionadora e falante, ouvi de meus vizinhos e familiares “causos” e histórias, que eles contavam para entreter as crianças durante uma conversa nas noites escuras do sertão.

Durante a realização desses momentos de compartilhamento de cultura, minha imaginação despertou para a leitura, mas onde eu poderia ter acesso ao livro ou a uma biblioteca se, na localidade onde morava, até o espaço destinado a educação, “a escola”, se limitava ao alpendre ou a sala da casa da professora, que, além de docente, desempenhava a função de merendeira. A professora, mesmo que desejasse realizar leituras para seus alunos, não dispunha de livros, estímulo e tempo.

Os anos passaram e, para que eu pudesse continuar a estudar, sacrifícios foram feitos, deixar a fazenda foi um deles. Estudar na cidade é, além de um desafio, uma responsabilidade, pois os pais depositavam em seus filhos seus sonhos e expectativas de mudança de vida. E, entre sonhos e sonhos, escolhas foram feitas. Optei no colegial por concluir o Ensino Médio Científico por meio do supletivo com o propósito de adentrar rapidamente o mercado de trabalho. Contudo, às vezes nossas escolhas nos levam para ambientes que nunca imaginamos viver.

Muitos anos depois, em meados de 1999, deu-se a mudança para a capital, Fortaleza, não para estudar, mas para trabalhar. Sem moradia e vivendo de favores na casa de familiares, ao voltar para casa depois de um dia de trabalho, fui informada que na comunidade do Vila Velha estava acontecendo uma ocupação de terra e que muitas famílias já estavam

construindo suas casas. Dirigi-me com minha mãe ao local informado e adquirimos, pela quantia de oitenta reais, um pedaço de terra medindo 7x14 metros, onde, em regime de urgência, e necessidade, construímos nossa moradia. A residência se encontra ao lado de um canal, no conjunto habitacional do Vila Velha II, na qual vivemos até hoje.

Foi neste bairro de pessoas simples, desconfiadas, mas receptivas, que criamos laços, fixamos raízes e constitui família. Em 2016, já com 36 anos e três filhas pequenas, e após ter sofrido um acidente vascular cerebral, senti que ainda tinha tempo e sonhos que precisava realizar. Fiz o Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM e adentrei uma Instituição de Ensino Superior (IES) da rede privada. Por meio de transferência, no semestre 2018.2, ingressei na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

Cabe destacar que, devido ao crescimento desordenado da comunidade e ao abandono pelo poder público, foi observado, com o passar dos anos, o enraizamento da criminalidade e o aumento expressivo da violência, principalmente entre os jovens. Nesse contexto, durante um diálogo informal e reflexivo entre amigos e moradores, na calçada de casa, chegamos à conclusão de que o fechamento de um dos poucos espaços que oferecia momentos de socialização e integração entre as crianças e jovens teve impacto negativo sobre o controle dos pais sobre o tempo livre e ocioso dos filhos.

Nessa ocasião, também lamentamos ver tantos jovens se encaminhando para o mundo do crime. Em um breve resgate da memória coletiva, foram contabilizadas as mortes de pelo menos 28 jovens, também foi observado que muitos foram expulsos da comunidade e outros estavam presos ou envolvidos com facções. Após a realização dessa conversa, surgiu em mim a vontade de criar uma ferramenta que proporcionasse a essas crianças e esses jovens uma oportunidade de perseverar e mudar suas histórias de vida através da ocupação de seu tempo ocioso com atividades culturais.

A ideia não foi bem aceita por amigos, vizinhos, moradores e, principalmente, por meus familiares, por entenderem que isso poderia pôr em risco a minha vida. Ouvi, muitas vezes, frases como: “Você é louca!”, “Vão te matar!”, “Isso não tem futuro!”, “Não vão valorizar sua iniciativa!”, “Você é uma sonhadora!”, “Você vai se formar para fazer isso?”. Apesar de todas essas ponderações que recebi e ainda recebo, nunca desisti de sonhar.

E foi na manhã do dia 08 de junho de 2018 que, da janela do meu quarto, observei uma turma de jovens conversando sobre ocupar um pedaço de terreno próximo à minha residência. Ao vê-los, me enchi de coragem (ou loucura) e fui até eles. Questionei o que eles estavam planejando fazer e, no mesmo instante, sob forte impulso emocional, apresentei uma contraproposta para aquele espaço, dizendo que iria construir uma biblioteca para a

comunidade. Instalou-se um silêncio ensurdecedor no local. Foi quando aquele que parecia ser o líder do grupo perguntou: – “Quando você vai começar?”. Neste momento, quem respondeu foi a emoção: – “Amanhã!”. Então, eles se olharam e, sem questionar, concordaram em ceder o espaço para a construção da biblioteca, mas somente se eu iniciasse a construção no dia seguinte e até se propuseram a ajudar financeiramente. De forma sutil e delicada, recusei a ajuda e voltei para casa, ainda trêmula, mas imensamente feliz! Falei para minha mãe o que havia acontecido e pedi ajuda para iniciar a construção da biblioteca comunitária. Apesar de assustada, minha mãe resolveu encarar o desafio ao meu lado.

Em 09 de junho de 2018, iniciamos a construção da Biblioteca “Campo Literário”, que contou com a ajuda financeira de amigos e familiares. Aos poucos, devagar e sempre, as doações foram transformando o sonho em realidade. O espaço útil do projeto é composto por jardim externo e biblioteca. O espaço interno tem a capacidade de comportar no máximo 20 pessoas, no entanto, a organização e a disponibilização dos equipamentos em seu interior são harmoniosas: as prateleiras são fixadas nas paredes para reduzir o risco de acidentes. No espaço, há também um conjunto composto por mesa redonda e cadeiras, um armário pequeno com computador e impressora, além de um banheiro unissex. A Figura 1 agrupa imagens que mostram as etapas de construção e o espaço externo e interno da biblioteca.

Figura 1- Etapas da Construção da Biblioteca e detalhes do espaço externo e interno



Fonte: Produzida pela autora, 2018.

5.2 Apropriando-se de outras experiências

A biblioteca começava a tomar forma, o espaço estava ficando pronto, porém outros desafios ainda precisavam ser travados para fazer nascer a biblioteca comunitária. Visando conhecer mais sobre o funcionamento de uma biblioteca comunitária, a realização de atividades de promoção à leitura, a elaboração de projeto e cadastro de leitores, a aquisição, catalogação e controle de acervo, fez-se a aproximação com experiências bem-sucedidas em Fortaleza.

Dentre as atividades, destaca-se a visita feita à Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança, localizada na Rua do Planalto, nº 167, Presidente Kennedy, que faz parte da Rede de Leitura Jangada Literária.

A rede de Leitura Jangada Literária trata-se de um coletivo composto por Bibliotecas Comunitárias e que atua na luta por Políticas Públicas de Leitura, na promoção do acesso ao livro e na leitura como direito humano e que faz parte da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias — RNBC. (Informações retiradas do site RNBC, citando a Rede Jangada Literária).

A visita tinha como objetivo conhecer o espaço, a organização, a sinalização e classificação do acervo, as atividades de promoção e incentivo à leitura desenvolvidas pela biblioteca e, principalmente, o trabalho pedagógico realizado pelos mediadores de leitura. A Figura 2 traz imagens da visita feita à Biblioteca Sorriso da Criança, onde, além de trocar experiências quanto ao projeto pedagógico desenvolvido, também se experimentou um momento de Mediação de Leitura com as crianças que frequentam o espaço.

Figura 2 – Visita a Biblioteca Sorriso da Criança



Fonte: Produzida pela autora, 2018.

Foram feitos registros e uma entrevista, com a mediadora de Leitura Janaina Gomes, sobre os projetos que são desenvolvidos na Biblioteca Sorriso da Criança. Segundo a fala da Mediadora, as atividades desenvolvidas pelas Bibliotecas Comunitárias:

[...] conseguem alcançar um alto contingente populacional, integrando crianças, jovens e adultos em atividades planejadas de acordo com as demandas de cada público, que são executadas nesse espaço. São exemplos: a Mediação de Leitura para crianças e adolescentes e o Tecendo Memórias para o público adulto. (Janaina Gomes, em entrevista realizada pela autora).

Ademais, no segundo semestre do ano de 2019, durante as aulas da disciplina de Organização e Gestão de Espaços Educativos Não Escolares (OGEENE), ministrada pela Prof.^a Dr.^a Tânia Batista e pelo Prof. Dr. Ruy de Deus, foram convidados os mediadores de leitura Janaina Gomes (Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança) e Juan Duarte (Biblioteca Comunitária Tenda da Leitura), ambos da Rede de Leitura Jangada Literária, para participar de uma roda de conversa referente à atuação do pedagogo nos espaços educativos não escolares. Essa roda de conversa, realizada no dia 11 de outubro de 2019, às 19 horas, na Faculdade de Educação da UFC, proporcionou conhecer um pouco mais sobre as ações e atuação do mediador de leitura e do Pedagogo em bibliotecas comunitárias. A Figura 3 traz o registro fotográfico da Roda de Conversa com Mediadores de Leitura.

Figura 3 – Roda de conversa com mediadores de leitura



Fonte: Produzida pela autora, 2019.

Segundo a mediadora de Leitura Janaína, as Bibliotecas Comunitárias são espaços de leitura que surgem por atitude e iniciativa das comunidades e são gerenciadas por elas ou, ainda, são espaços que, apesar de não terem sido iniciados pela própria comunidade, voltam-se

para atendê-las, para que seja incluída nos seus processos de planejamento, monitoramento e avaliação.

Para a mediadora, nesses espaços podem atuar os mediadores de leitura e/ou pedagogos, que são responsáveis por estabelecer pontes e criar laços entre o leitor e o livro, promovendo “o gosto pela leitura, o prazer de folhear um livro e se permitir novas experiências com a literatura”. (Janaina Gomes, em entrevista realizada pela autora).

A importância dessas intervenções, para Janaína Gomes, pode ser justificada da seguinte maneira:

Em uma sociedade na qual vivemos em situação de vulnerabilidade social, a biblioteca comunitária desenvolve o papel e a função de um equipamento cultural que preenche as lacunas da comunidade, levando às pessoas o acesso à leitura, ao conhecimento, à informação, à arte e à cultura. A biblioteca comunitária é um lugar vivo que diariamente desperta sonhos nas crianças, adolescentes e adultos. (Janaina Gomes, em entrevista realizada pela autora).

Portanto, além de organizar os espaços e selecionar materiais adequados, o mediador tem o papel de fomentar os hábitos de leitura, fazendo destes um momento de lazer e imersão, além de criar projetos e propostas que possam promover a inserção da comunidade nessa cultura literária. Em síntese, as ações buscam reforçar a ideia de leitura como um direito humano e democratizar o acesso ao livro.

Os convidados evidenciaram em suas falas que a atuação exercida pelo pedagogo nesses espaços é de extrema importância para facilitar a criação de vínculos a partir da criação de projetos e desenvolvimento de ações que possam agregar a cultura do letramento por meio de seus conhecimentos pedagógicos.

Também durante a disciplina Organização e Gestão de Espaços Educativos Não Escolares, criou-se uma campanha para arrecadar livros para o Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária. O projeto recebeu doações de livros paradidáticos, gibis, mangás, entre outros gêneros literários. A partir dessa, outras campanhas foram criadas para complementar o acervo da futura biblioteca Campo Literário.

Outra importante oportunidade para enriquecer o conhecimento sobre as bibliotecas comunitárias foi o convite, feito pelo coordenador do Projeto Bibliotecando nas Bibliotecas Comunitárias, professor Hamilton Rodrigues Tabosa, para participar do evento em homenagem ao dia do bibliotecário, que aconteceu no auditório Rachel de Queiroz, localizado no Centro de Humanidades II - CH2/UFC, ocorrido em 12 de fevereiro de 2020, 14h às 17:30 horas. Minha participação se deu como autora do texto: “Como nasceu o Projeto Campo Literário Biblioteca

Comunitária”, que foi publicado na coletânea do Projeto de Extensão Bibliotecando e está disponível para leitura na web na página: www.joom.ag/KVDe. O evento contou com a participação de vários autores, professores e um grupo de teatro. A figura 4 apresenta a capa da coletânea, a imagem da página na qual o texto foi publicado e a foto no dia do evento.

Figura 4 – Evento em homenagem ao dia do bibliotecário, no auditório Rachel de Queiroz CH2



Fonte: Produzida pela autora, 2020.

5.3 Relatos sobre a práxis e atividades de promoção à leitura do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária

O dia escolhido para realizar a inauguração do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária foi 20 de fevereiro de 2020, 20 anos após a chegada à comunidade da idealizadora desse projeto. No entanto, em 17 de novembro de 2019, o mundo foi surpreendido por notícias vindas do outro lado do continente, precisamente da Cidade de Wuhan, na China. Uma infecção causada por um vírus, Sars-CoV-2, se alastrava rapidamente pelo mundo e mudava os planos e as rotinas de toda a população mundial. O mundo parou! E, devido à pandemia COVID-19, a inauguração da biblioteca foi adiada por tempo indeterminado.

O período que antecedeu o início das atividades foi utilizado para ampliar e organizar o acervo e melhorar a infraestrutura do espaço. Mesmo em meio à pandemia, foram recebidas doações de livros e mobiliário. Em outubro de 2021, foram iniciadas as atividades da biblioteca, sem que houvesse o momento inaugural devido às restrições sanitárias. Nesse momento, o acervo, composto por aproximadamente 2.000 mil exemplares dos mais variados gêneros textuais e literários, estava disponível aos leitores, exposto de forma que as crianças visualizassem com facilidade os títulos e, em alguns casos, as capas.

Nesse período, realizaram-se as atividades de cadastro dos leitores em um dia de diálogo sobre o projeto e as expectativas para o futuro. A procura para inscrições foi grande, as crianças e os pais estavam ansiosos para conhecer o espaço e empolgados para participar das atividades desenvolvidas pela biblioteca. Após essa conversa e a efetivação dos registros, foi possível conhecer o perfil do nosso leitor, família e comunidade e, com base nessas informações, pôde-se planejar melhor as integrações e ações que seriam realizadas. Isto posto, preparou-se um cronograma inicial de atividades, apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Cronograma de Atividades do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária em 2021

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
MANHÃ	Empréstimos e devolução de livros	Empréstimos e devolução de livros	Empréstimo e devolução de livros	Empréstimos e devolução de livros	Empréstimos e devolução de livros	
TARDE	Ciranda Literária e Diário de Releituras	Oficina artística cultural				
NOITE						Eventos de integração e Cine literário

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Cabe destacar que o retorno ocorreu de acordo com as normas e diretrizes estabelecidas pela Secretaria de Saúde e pelo Sistema de Bibliotecas Públicas e Comunitárias do Estado do Ceará para o controle de disseminação do Covid-19. Durante as manhãs, realizaram-se empréstimos, devoluções e reservas de livros. No período da tarde, realizaram-se as práticas de leitura livre e/ou leitura deleite, contação de história e mediação de leitura. Nos sábados à tarde, as oficinas culturais e, eventualmente, à noite, foram realizadas algumas atividades de integração com as famílias. Para exemplificar, a Figura 5 traz o registro da interação das crianças com o livro.

Figura 5 – Processo de formação de Leitor



Fonte: Produzida pela autora, 2021.

A imagem foi registrada após a Contação de História, quando as crianças se encontravam na parte externa da biblioteca. A cena retrata o momento em que ambas se debruçam sobre o livro para sentir o aroma, tendo expressado satisfação na fala “um cheirinho gostoso de livro”. Seria esse o momento inicial da formação do leitor? Não se sabe! Mas acredita-se que tenha sido o ponto de partida de uma longa viagem em busca de aventura e conhecimento. Para Petit (2010, p. 266), os livros são:

[...] hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos o livro.

A autora nos apresenta as inúmeras possibilidades de afloração do pensamento e da imaginação que a leitura de um livro pode proporcionar ao leitor. Quando imerso na leitura, o leitor, além de ampliar seus conhecimentos, vocabulário, repertório linguístico, literário, cultural e social, ainda pode viajar, sentir e vivenciar as sensações de prazer que a leitura é capaz de oferecer.

Dando continuidade, serão apresentadas algumas práticas pedagógicas realizadas pelo projeto no período de outubro de 2021 a maio de 2022. Algumas falas, relatos e contribuições feitas pelos leitores, pais, responsáveis e comunidade também se encontram a seguir.

Dentre as atividades de promoção e incentivo à leitura promovidas pela biblioteca, destacam-se a realização de Leitura Livre, Contação de História e Mediação de Leitura, em concomitância com a produção do Diário de Releitura, que é uma ação de incentivo à produção escrita e artística. Essas atividades de promoção à leitura, inclusive o empréstimo de livros, têm por finalidade estimular a participação e o sentimento de apropriação do espaço, incentivar práticas de leitura e, principalmente, promover a reflexão sobre as obras, como também sobre as discussões e situações vivenciadas em família e na comunidade. Entende-se que o acesso ao livro e à leitura é um direito de aprendizagem que possibilita ao cidadão uma melhor compreensão do mundo para que ele possa se desenvolver intelectualmente, culturalmente, socialmente.

O relato do autor Cosson (2014) corrobora com o nosso, como projeto, quando ele se refere ao poder de interação sociocultural que os momentos de contação de histórias possibilitam ao leitor. Ele diz que:

[...] ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto. (COSSON, 2014, p. 36)

Durante as atividades de leitura livre, contação de história e mediação, buscou-se trabalhar com gêneros literários, textuais e temas diversos que promovem a construção e a reconstrução dos valores morais e éticos: honestidade, respeito, empatia, disciplina, gentileza, responsabilidade, justiça, igualdade, solidariedade, educação, gratidão etc. Valores importantes para a formação dos princípios e comportamento das crianças para que o convívio entre os seus pares seja harmonioso, pacífico e respeitoso.

No período entre outubro e dezembro de 2021, foram realizadas leitura de várias obras literárias como: A menina que não gostava de ler; Menina bonita do laço de fita; O rei com orelhas de burro; O gigante egoísta; Chapeuzinho vermelho; Rumpelstiltskin; Quando meu irmão nasceu; Espinhos Mágicos; Uma noite sem igual; Meu encontro com papai Noel, dentre outros títulos. A Figura 6 traz o registro de alguns dos momentos de contação de história e mediação de leitura e leitura deleite.

Figura 6 – Contação de História e Mediação de Leitura



Fonte: Produzida pela autora, 2021.

Em meio aos momentos de leitura, as crianças foram convidadas a participar de dinâmicas, que poderiam ser uma roda de conversa, uma brincadeira tradicional, cantiga de roda etc. Segundo Busatto (2003, p. 45-46), todo mediador e/ou professor, como contador de histórias, utiliza-se intencionalmente de estratégias que buscam a formação integral dos leitores e relata que:

Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o sagrado.

Outrossim, as crianças leitoras foram estimuladas a realizar a mediação de leitura e a contação de histórias. De início, ficaram envergonhadas, mas aos poucos ganharam confiança para conduzir a leitura. As primeiras leitoras a fazer a contação de história foram Hortência, Gardênia e Girassol, e as outras crianças observaram e participaram admiradas da leitura. Ao final, as leitoras mirins pediam para as crianças que ainda não sabiam ler que desenhassem a parte da história ou a personagem que mais gostaram. Para as demais, produziram questionários sobre o livro e pediram que respondessem. Assim, toda a atividade era conduzida pelas próprias crianças.

Durante a Mediação de Leitura, foi perguntado às crianças se elas gostavam de ouvir e ler histórias. Rosa disse: “Não gosto de ler, tia, gosto mais de desenhar”. Já a sua irmã, Açucena, falou: “Tia, eu gosto de ouvir as histórias que a senhora conta”. O leitor Alisson relatou: “Minha mãe contava histórias para mim quando eu era pequeno, hoje não conta mais, queria que ela contasse ainda”. A leitora Girassol completou: “Minha mãe sempre leu para mim à noite, antes de dormir, mas depois que eu aprendi a ler, tem dias que eu leio e outros dias ela lê”. As demais crianças disseram que não sabiam ler e que preferiam que um adulto lesse para elas. Relataram que seus pais não sabiam ler, nem contar histórias, por isso elas gostavam de vir para a biblioteca.

Dentre as leituras realizadas, destaca-se a contação de história sobre *A menina que não gostava de ler*, da autora Lilia Gramacho, com ilustração de Liz Saback, que obteve uma expressiva participação das crianças. A história fala de uma menina que não gostava de pensar e nem de ler e que, toda vida que ganhava um livro, prendia-o na estante.

Em relação à atitude da menina do livro em prender os livros na estante, as crianças expressaram suas opiniões: Narciso falou: “Se eu recebesse de presente revistinha de mangá, eu lia tudo” e o Érico disse “Tia, eu queria um livro de pintar”. O relato que mais nos emocionou foi o realizado pelo leitor Florêncio: “Se eu pudesse e a Tia deixasse, eu morava na biblioteca, não sei ler bem, mas adoro livros”. Como diz a autora Lilia Gramacho (2014, s/p.), no livro “*A menina que não gostava de ler*”: “Livro preso na estante é como um tesouro perdido, à espera de ser descoberto”. Como espaço de promoção da leitura, o maior desejo é fazer com que os livros que estão nas prateleiras sejam descobertos e utilizados pelos leitores.

Na sequência, as crianças desenharam e pintaram para o Diário de Releitura. Os momentos de interação, socialização e partilha de conhecimentos realizados durante a produção do Diário de Releitura foram de fundamental importância para estabelecer laços entre as crianças, fazendo com que respeitassem o espaço de fala, a opinião e a ideia uns dos outros e, assim, pudessem entender que, para viver em comunidade, é preciso viver em harmonia com o seu semelhante. A Figura 7 traz o registro e alguns momentos de produção escrita e artística para o diário de releitura.

Figura 7 – Registro da produção Diário de Releitura



Fonte: Produzida pela autora, 2021.

Dentre os muitos registros feitos, ressalta-se a produção artística das leitoras e irmãs gêmeas, Rosa e Açucena, que retratam muito bem as personagens das histórias lidas. Contudo, elas não frequentam com regularidade as atividades na biblioteca. Durante a realização de uma roda de conversa, elas justificaram o real motivo: “Tia, nós só faltamos as atividades, porque quando chegamos do colégio temos que limpar a casa e cuidar do nosso irmão”. O que posteriormente foi confirmado pela própria mãe, que ainda acrescentou dizendo: “Elas têm coisa mais importante para fazer do que escutar história e desenhar”.

Tais narrativas evidenciam que alguns pais não possuem o entendimento e não compreendem a importância da leitura e da socialização para o desenvolvimento cognitivo e formação leitora de seus filhos e, por isso, não estimulam a participação das crianças nas atividades socioculturais promovidas pela biblioteca. Na visão de alguns pais, fora o ambiente escolar, só as atividades de reforço são capazes de ensinar e transmitir conhecimento. Para eles, o nosso projeto é apenas um passatempo que atrapalha as crianças na realização das atividades domésticas. Mal sabem eles que, através desses momentos lúdicos, as crianças desenvolvem o gosto pela leitura, aprendem sobre os valores, a respeitar as diferenças, controlar as emoções, inseguranças, além de estimular a oralidade, o aprendizado e a socialização.

Neste contexto, é importante ter em mente o que defendem Falabelo e Leão (2014, p. 235), baseados em Vigotski (2000), e inclusive estender aos pais e responsáveis, haja vista que estes também foram vítimas das condições sociais adversas:

Assim, em momento algum discriminamos seus gestos e atitudes, pois sabíamos que tudo fazia parte do seu cotidiano, mas que precisava ser mudado, porque aquelas crianças, embrutecidas em condições sociais adversas, careciam de atenção, conhecimento, cultura e carinho para apreenderem e aprenderem os modos humanos de ser, comportar-se, agir e sentir, pois, segundo Vigotski: “As formas como pensamos, nos comportamos, sentimos – a nossa vida cognitiva e afetiva – são socialmente constituídas” (2000a, p. 80).

Sabendo da insatisfação dos pais e mães e do desejo das crianças em participar das atividades, realizou-se uma conversa com os pais para, novamente, explicar as inúmeras vantagens e possibilidades que o acesso ao livro e à leitura podem promover no desenvolvimento educacional, social e cultural de seus filhos. Após esse momento de integração e formação, alguns pais e responsáveis passaram a entender que as atividades desenvolvidas pela biblioteca têm um propósito a ser alcançado, que é a formação do leitor e a formação e transformação sociocultural do cidadão.

No dia 23 de outubro de 2021, aconteceu a primeira oficina na biblioteca, com participação do arte-educador Baticum Proletário. Ao chegar na biblioteca, as crianças foram apresentadas ao convidado. Após esse momento inicial, o educador social apresentou o cronograma da atividade “Oficina Percussão Ambiental”. Baticum iniciou a tarefa convidando as crianças para participarem da dinâmica “Passa a garrafa”, na qual, ao encerrar a música (Brincar é bom, sou curumim, na brincadeira eu faço assim...), as crianças teriam que se apresentar e responder a perguntas feitas por ele. No início, as crianças ficaram um pouco tímidas, mas aos poucos foram se soltando e interagindo com o educador. Após esse momento de socialização, apresentou a elas alguns instrumentos musicais e os sons que cada um produzia ao ser manuseado. Falou um pouco sobre a origem e o ritmo do Maracatu Cearense e convidou as crianças para cantar e tocar a música “Noite azul”, do compositor Pingo de Fortaleza.

A reação das crianças a essa proposta foi maravilhosa: elas cantaram, dançaram e dava para perceber como estavam felizes. Como atividade artística, “todos” confeccionaram um reco-reco com material reciclado, utilizando garrafas de água vazias. Em seguida, Baticum ensinou as crianças a produzirem o som da palavra Maracatu com o reco-reco. Para finalizar a oficina, o professor agradeceu às crianças pela participação e pediu que elas avaliassem o momento vivido.

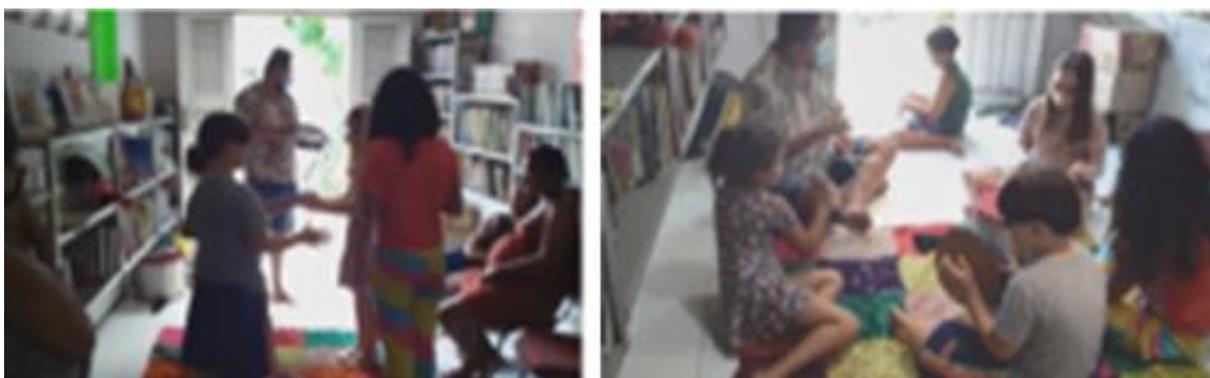
Já familiarizados com o arte-educador, as crianças relatam oralmente o que gostaram e sentiram. O leitor Narciso¹ disse: “Eu gostei muito, muito obrigada por ter vindo”.

¹ Para caracterizar e preservar o anonimato dos leitores, pais e responsáveis, usaremos nomes de flores.

Nossa leitora Girassol disse: “Foi bem legal, eu aprendi a fazer um reco-reco, aprendi o ritmo da música Maracatu, obrigada”. Uma Avó, que acompanhava dois de seus netos (um deles com o Transtorno do Espectro Autista), disse: “Eu adorei! Apesar ‘deu’ não ser criança, mas eu adoro ser criança, eu adoro participar das coisas de criança, inclusive, adorei fazer e tocar o reco-reco”.

A oficina possibilitou às crianças um momento de aprendizado cultural sobre a origem e o ritmo Maracatu, os instrumentos musicais, as questões socioambientais, a reciclagem na prática e o empoderamento. É por meio de atividades como estas que a cultura é apreendida, internalizada, e é assim que a inclusão e integração entre os indivíduos acontecem. A Figura 8 apresenta o momento de partilha de conhecimento cultural e ambiental proposto pelo arte-educador Baticum Proletário.

Figura 8 – Oficina de Percussão Ambiental com o arte-educador Baticum Proletário



Fonte: Produzida pela autora, 2021.

No dia 30 de outubro de 2021, às 18 horas, realizou-se a primeiro evento de confraternização, O *Halloween*² Literário na Biblioteca. Essa atividade tinha como objetivo desenvolver o interesse dos leitores e da comunidade em participar das ações realizadas pelo projeto, assim como apresentar outra forma de manifestação cultural: a cinematográfica. Na acolhida, foi explicado o significado dessa festa popular em homenagem ao dia dos mortos e/ou dia das bruxas. Devido à globalização e à divulgação nos meios de comunicação, hoje é um evento comemorado em quase toda parte do mundo, sendo bem aceito entre crianças e jovens.

² A palavra Halloween é uma versão abreviada das frases All Hallows ‘Eve ou All Hallows’ Evening, que significa “Véspera de Todos os Santos”, ou “Noite de Todos os Santos”, na tradução para o português. O Halloween vem de um antigo festival pagão celebrado pelos celtas há mais de 2.000 anos, chamado Samhain. O festival acontecia no Reino Unido, Irlanda e noroeste da França.

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/halloween>

Após o momento de aprendizado sobre essa tradição cultural internacional, foi proposta a dinâmica “A caixa dos horrores”. Supostamente, o interior da caixa continha o pior de todos os medos e pesadelos e a criança que estivesse com a caixa, quando a música parasse, deveria abri-la. Essa dinâmica nos ajudou a identificar os temores e medos das crianças. Após expressarem seus maiores temores, elas se sentaram em círculo e a caixa passou de mão em mão até a música parar. Esse momento foi muito divertido, pois as crianças não queriam pegar nem ficar com a caixa. Quem teve azar (ou sorte!) de pegar a caixa foi o Jacinto, que demonstrou medo de abri-la. Então, a mediadora interveio e explicou que os nossos maiores medos são frutos da nossa imaginação, como os personagens dos contos, fábulas e lendas do folclore que se costuma ler. Logo, Jacinto se encheu de coragem e abriu a caixa. Para sua surpresa, e de todos na sala, só continha doces e gostosuras.

A vestimenta aterrorizante e a oferta de guloseimas são o ponto forte dessa festa pagã. No *Halloween* da Biblioteca, não foi diferente, não faltaram doces nem travessuras, os pais produziram as crianças a caráter, todos estavam lindos e felizes em poder compartilhar mais essa experiência cultural em comunidade. A Figura 9 traz o registro da festinha de Halloween na biblioteca e os momentos de interação e socialização.

Figura 9 – Halloween literário na biblioteca



Fonte: Produzida pela autora, 2021.

Foram distribuídas sacolinhas decoradas com doces e pipocas para todas as crianças e, em seguida, exibido o filme “Festa no Céu”, do diretor Jorge R. Gutiérrez. Ao finalizar a exibição do filme, as crianças foram questionadas sobre o conteúdo da história, se gostaram ou não. O leitor Floriano (que possui um transtorno de movimento e/ou paralisia cerebral) disse: “Amiga, eu gostei muito! Quero vir de novo”. A Gardênia falou: “Tia, eu sentia muito medo do escuro, mas a partir de hoje eu não terei mais medo nem do escuro, nem do fantasma, o

medo só existe na minha cabeça, não existe de verdade”. Diante dos relatos e da participação das crianças e pais, concluiu-se mais uma atividade com sentimento de missão cumprida.

No dia 13 de novembro de 2021, aconteceu a Oficina de Origami. As crianças foram recepcionadas com uma roda de músicas tradicionais. Após esse momento de integração, foi realizada a leitura da história do origami e apresentado um vídeo disponível no site Clube do Origami³. Em seguida, as crianças foram convidadas para produzir marcadores de página modelo *Kawaii*⁴ de personagens que elas admiram.

Com essa atividade, buscou-se estimular os sentidos e desenvolver a interação e a comunicação entre as crianças. A oficina contribuiu para desenvolver habilidades motoras, criatividade, imaginação e incentivou a partilha de objetos e a aprendizagem coletiva, visto que os maiores ensinavam aos menores a como manusear as folhas para produzir as dobraduras do origami, a desenhar a personagem e a pintar. A Figura 10 traz o registro desse momento de interação e aprendizado.

Figura 10 – Oficina de Origami “Marca Página Kawaii”



Fonte: Produzida pela autora, 2021.

Os marca-páginas produzidos foram oferecidos às crianças para que pudessem utilizá-los tanto nos livros escolares quanto em livros emprestado da biblioteca. Os leitores Jacinto e Gardênia, que são primos, relataram: “Tia, quando chegamos em casa, fizemos outros modelos, com outros materiais, cartolina e EVA, e levamos para doar na igreja. Segundo as

³ Disponível em: <https://origami.club/historia-do-origami/>.

⁴ A expressão deriva do adjetivo *kawaii* (pronuncia-se "cauí"), que, no alfabeto kanji, significa "a possibilidade do amor". Acredita-se que, na década de 1970, tenha-se popularizado entre adolescentes japonesas um tipo de caligrafia infantil de linhas curvas, com desenhos (estrelas, corações) e palavras inglesas incorporadas ao vocabulário. A "liberdade" da escrita foi encarada como uma resposta à rigidez do Japão no pós-Segunda Guerra Mundial e a uma espécie de incorporação de posturas mais ocidentalizadas, entre elas o consumismo. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/faq/cultura-kawaii.htm>

crianças, o pastor e os irmãos adoraram e disseram que usariam para marcar a bíblia”. As outras, pois já desejavam participar.

Para o mês de dezembro, foi proposto aos pais e crianças que as leituras tivessem como tema a importância do Natal e o nascimento de Jesus Cristo. Assim, buscou-se por autores que falassem sobre essa temática. As atividades propostas nesse período visaram resgatar o verdadeiro significado do Natal, que é a comemoração do nascimento de Jesus Cristo. No entanto, sem excluir outros símbolos e rituais que foram inseridos pelo homem e hoje fazem parte das comemorações natalinas, como árvore de Natal, Papai Noel, presentes, presépio, ceia etc. No intuito de preservar essa tradição histórica, realizaram-se leituras, a confecção da nossa árvore literária, a exibição de uma nova versão cinematográfica sobre o nascimento de Jesus Cristo, a redação de cartinhas para o Papai Noel e a partilha de presentes durante a realização de nossa confraternização natalina. Essa atividade visou fortalecer e despertar sentimentos de fraternidade, compaixão, amor, alegria, generosidade, união, paz, esperança e gratidão entre as crianças, jovens e adultos que frequentaram a biblioteca.

No Cine Literário, do dia 10 de dezembro de 2021, apresentou-se a história do diretor Timothy Reckart, A Estrela de Belém. O filme conta o nascimento de Jesus Cristo de uma forma irreverente e emocionante, sob a óptica dos melhores amigos e animais: o pombo Davi e o burro Bo. Os amigos Davi e Bo enfrentam altas aventuras para encontrar Maria e José e avisá-los do perigo iminente. A Figura 11 traz o registro desse cine literário.

Figura 11 – Cine Literário “A estrela de Belém”



Fonte: Produzida pela autora, 2021.

Após a sessão, foi realizada uma breve conversa, na qual as crianças compartilharam suas impressões sobre o filme. Margarida relatou: “Gostei da parte em que Maria adota e cuida do burro Bo”. Deise disse: “Tia, eu gostei da parte em que o Burrinho Bo,

o pombo Davi e a ovelhinha Ruth tentam avisar pro José e pra Maria que eles corriam perigo”. Jacinto disse: “Gostei da hora em que o burro derrubou o acampamento para salvar Maria”. Após a conversa, as crianças produziram desenhos dos personagens que mais gostaram no filme e escolheram livros para lerem em casa.

No dia 11 de dezembro de 2021, foi realizada a oficina de cartões de Natal e a gravação de um vídeo com pedidos que pudessem ser atendidos pelo Papai Noel da Biblioteca. Todos os pais e crianças cadastrados no projeto foram convidados, no entanto, vieram para essa oficina somente nove pessoas, sete crianças e dois adultos.

Margarida pediu em seu cartão de Natal uma caixa de chocolate. Flora pediu ao Papai Noel uma chinela com brilho, como a da Cinderela. Jacinto, que é fã dos Vingadores, pediu um boneco de algum dos personagens. Girassol, que adora doces, pediu de presente de Natal um saco de balas Fini ou pirulito. A nossa leitora mais assídua, Jasmim, pediu para o Papai Noel um bolo. Florêncio pediu uma bola. Érico pediu um carrinho. Dona Amapola pediu um panetone e a dona Angélica pediu um livro. Para finalizar nossa oficina, confeccionou-se uma árvore de Natal com os livros da biblioteca, decorando-a com os cartões de Natal feitos por eles.

Para finalizar o ano de 2021, realizou-se O Natal literário. A ajuda de colaboradores, que doaram lembrancinhas e lanches, tornou possível a realização dessa festinha. O evento aconteceu dia 18 de dezembro de 2021, às 18:00 horas, e contou com a participação de alguns colaboradores e de aproximadamente 40 crianças e 20 adultos. A Figura 12 traz o registro desse momento de fraternidade e interação Natalina.

Figura 12 - Festinha de Natal “Natal Literário”



Fonte: Produzida pela autora, 2021.

Os festejos natalinos se iniciaram com jogos e brincadeiras com as crianças. Com a chegada do Papai Noel e da Mamãe Noel, não só os pedidos das crianças que escreveram as cartinhas foram realizados, mas todas as crianças que estiveram no evento também receberam presentes. Após a entrega das lembrancinhas, foram distribuídos lanches para todos.

A seguir, apresenta-se alguns dos relatos dos convidados. “A festinha de Natal da biblioteca foi maravilhosa! Eu e minhas netas amamos os presentes, muito obrigada” (Dona Amapola). “A festinha foi muito bonita e alegre, o lanche estava uma delícia!” (Jardiel, pai da leitora Nandina). “Que festa linda! Minhas filhas amam estar na biblioteca!” (Liana, mãe da Jasmim e Hortência). “Obrigada, Dona Verônica, por realizar um trabalho tão bonito para os nossos filhos. O meu filho Narciso adora participar das atividades na biblioteca” (Liz). As crianças também expressaram sua gratidão: “Tia, a senhora deu de verdade a cartinha pro Papai Noel. Eu recebi o presente do jeito que eu pedi!” (Jacinto). “Amei as brincadeiras, principalmente a brincadeira engole a linha, ganhei dois reais e vou comprar picolé” (Alisson). “Gostei muito da brincadeira da colher. Pena que não ganhei o brinde” (Hortência). “Eu gostei do presente! Ganhei uma boneca” (Lírio). “Eu ganhei presente sem nem ter escrito a cartinha, obrigada Tia. Na próxima vez que a senhora me convidar, eu vou escrever para ganhar o presente que eu pedir, como o Jacinto” (Antúrio). Foi uma noite incrível de brincadeiras, partilhas e socialização que ficará gravada na memória das crianças. Logo após a festa, iniciou-se o período de recesso da biblioteca devido às festas de fim de ano.

Ao retornar com o funcionamento em 2022, houve dificuldades em organizar o quadro de horários das atividades e atendimentos. Então, entrou-se em contato com as crianças e adolescentes cadastrados através da Rede Social da Biblioteca, por meio do aplicativo *WhatsApp*, e realizou-se um breve levantamento para conhecer um pouco sobre a nova rotina diária de nossos leitores. Com base nessas informações, buscou-se dispor de um horário flexível para funcionamento nos turnos: manhã, tarde e noite. No quadro 2, encontra-se a configuração e organização do cronograma de atividades do Projeto para o ano de 2022.

Quadro 2 – Cronograma de Atividades do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária 2022

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
MANHÃ	Empréstimo e devolução de livros					
TARDE	Espaço de estudo e pesquisa	Oficina artística cultural e Podcast				
NOITE	Ciranda Literária na Biblioteca	Cine Literário				

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Observa-se que o cronograma de 2022 apresenta algumas alterações em relação ao de 2021. No entanto, as modificações de horário foram realizadas em comunhão com os leitores, pais e responsáveis, visando não prejudicar os estudos e afazeres e, ainda, ampliando o acesso e participação das crianças e jovens nas atividades de promoção à leitura. Além disso, a programação pedagógica e sociocultural da biblioteca, em 2022, ganhou uma nova atividade para estimular a formação dos leitores, pois o hábito de ouvir histórias através das mídias digitais *Podcast* vem ganhando um número expressivo de adeptos nos últimos anos.

A experiência envolvendo a realização da Contação de História através do *Podcast* é atrativa para as crianças, elas se sentem motivadas, estimuladas e gostam de produzir os conteúdos. Assim, entre uma atividade e outra de Contação de Histórias e Mediação de Leituras, iniciaram-se as gravações para o *Podcast* Contando História. A primeira gravação teve como contadora a leitora Gardênia, de 12 anos, que escolheu o livro “Abecê e Beabá”, de Tatiana Belinky, da Editora Evoluir Cultural. O motivo da escolha do livro, segundo a leitora: “Gosto de ler textos que rimam, poesias, e o livro que escolhi tem rimas com todas as letras do alfabeto”. O *Podcast* foi postado na rede social *WhatsApp*, no grupo da biblioteca, e compartilhado com os familiares das crianças inscritas no dia 07 de maio de 2022.

A gravação do segundo *Podcast* teve a participação da nossa leitora mirim Melissa, de 6 anos, que contou a história “A Patinha Esmeralda”, da coleção Animais Recortados, da Editora Brasileira. Esse *Podcast* foi postado no dia 21 de maio de 2022.

Por fim, teve-se a participação da leitora Girassol, contando a história “A piabinha do rio das velhas”, da autora Rosa Ayres. da Editora Paulinas. O *Podcast* foi postado na rede social no dia 04 de junho de 2002. Posteriormente, esses e os subsequentes serão compartilhados na página do Youtube do Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária. As crianças estão amando participar das gravações dos *Podcasts*.

Diante do exposto em todo esse tópico, acredita-se que as atividades, oficinas e eventos realizados alcançaram melhorias na socialização e na aprendizagem das crianças, jovens e adultos assistidos pelo projeto. O contato com o universo mágico da literatura permitiu aos leitores e ouvintes adentrarem a porta invisível que separa o mundo do conhecimento empírico/abstrato do mundo do conhecimento erudito/concreto. E, ao transpor essa porta de encantamento e fascínio, os leitores se depararam com uma infinidade de conhecimentos proporcionados pelo acesso à cultura por meio dos livros, filmes, artes, música, tradições e costumes culturais.

No próximo capítulo, apresenta-se as ações promovidas pelo Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária. Além de expor os resultados obtidos pelo estudo com base nas informações cadastrais, observações, relatos, informações e através da aplicação do questionário no *google form*. A análise desses registros e documentos primários e secundários do projeto, possibilitam uma melhor compreensão sobre o perfil dos leitores, pais e responsáveis e uma maior reflexão sobre a vulnerabilidade do bairro e o entorno imediato do projeto.

6 OLHAR REFLEXIVO SOBRE A PRÁXIS SOCIAL E EDUCATIVA NA BIBLIOTECA E NA COMUNIDADE

Neste capítulo, faz-se uma reflexão ampla acerca das ações promovidas pelo Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária. Para tanto, discute-se os resultados obtidos a partir da elaboração dos perfis de leitores, pais e responsáveis com base nos dados cadastrais, bem como se faz uma análise frente às respostas obtidas no questionário aplicado aos pais. Por fim, reflete-se sobre alguns relatos das crianças, adolescentes e adultos, participantes do projeto, e de seus familiares. Contudo, inicia-se essa reflexão com base em um breve histórico, na apresentação de características do bairro e do entorno imediato do projeto, a partir de alguns dados estatísticos que demonstram a vulnerabilidade social da comunidade na qual o Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária está inserido.

6.1 Uma breve visão histórica e estatística da Comunidade do bairro Vila Velha

O bairro Vila Velha faz parte da Secretaria Executiva Regional I – SER I, Território 2. Geograficamente, encontra-se na costa oeste de Fortaleza e é composto por vários conjuntos habitacionais: Vila Velha I, II, III e IV, Beira Rio, Bancários, Nova Assunção, Planalto da Barra e Polar. Os conjuntos Beira Rio, Bancários, Nova Assunção, Planalto da Barra e Polar foram construídos nas décadas de 70 e 80. No início da década de 1990, começaram as construções em forma de mutirão, por etapas, dos Conjuntos Vila Velha I, II, III e IV. No entanto, há uma linha tênue que separa os primeiros conjuntos construídos destes últimos. Não se trata apenas de uma via urbana: é a divisão das classes sociais e a disparidade sociocultural e econômica que distanciam as pessoas destas duas áreas distintas do bairro Vila Velha. Segundo Mesquita (2010, p. 42):

Na medida em que os conjuntos foram sendo construídos diversas construções irregulares surgiram nas áreas de manguezal e salinas, em um curto intervalo de tempo, pouco mais de 10 anos, 1065 famílias, de acordo com a Defesa Civil, se estabelecem na porção do bairro que está sujeita a inundação no período chuvoso, configurando então uma ocupação de risco. Nesta ocupação de risco não se verificam as estruturas básicas de saneamento, todo esgoto é despejado em valas que correm a céu aberto e que tem como destino final o Rio Ceará. Os córregos canalizados que representam uma enorme quantidade de lixo são fontes de doenças diversas, além de contribuírem com a degradação da zona estuarina. [...] O bairro Vila Velha possui uma extensão de 780 hectares, equivalente a 30,73% da área da Regional I. Em 2000, possuía uma população de 49.468 habitantes, obtendo um crescimento de 3,68% com relação ao ano de 1991, quando possuía 35.737 habitantes.

Com base nos dados do último Censo realizado pelo IBGE (2010), a Tabela 1 apresenta dados estatísticos populacionais do Bairro, como densidade demográfica, total populacional e a estratificação por gênero. Na intenção de documentar a vulnerabilidade social do Vila Velha, traz também Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e Renda Per Capita.

Tabela 1– Densidade Demográfica Distribuição da Renda e da População do Bairro Vila Velha

DENSIDADE DEMOGRÁFICA	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO HOMENS	POPULAÇÃO MULHERES	RENDA PER CAPITA	IDH
8.619 hab/km ²	61.617 hab	29.108 hab	32.509 hab	R\$ 486,96	0,27

Fonte: Elaborada pela Autora, 2022. – Base de dados – Censo 2010, IBGE. Elaboração: SDE/IPECE.

A população do bairro Vila Velha tinha, à época, 61.617 habitantes, o que representa um crescimento de cerca de 24,46% em relação ao ano de 2000, tornando-se, nesse período, o terceiro bairro mais populoso da cidade. Além disso, observa-se que a maior parte da população que reside na comunidade é composta por mulheres, cerca de 52,8%. Outro fato observado é que, embora seja um bairro com predominância de edificações horizontais, apresenta uma densidade demográfica de 8.619 hab/km², sendo maior que a densidade demográfica de Fortaleza, que é de 7.786 hab/km².

Quanto ao IDH, Fortaleza apresentou 0,75, sendo classificada como uma capital de alto desenvolvimento humano. No entanto, se trata de uma cidade com uma disparidade educacional, social e econômica severa, haja vista que o IDH do bairro Meirelles é de 0,95, ou seja, classificado como muito alto, enquanto o bairro Vila Velha, com 0,27, tem um baixo índice de desenvolvimento humano. Quanto à renda per capita, o bairro Vila Velha está na posição 85 do ranking de 119 bairros de Fortaleza. Essa renda corresponde a apenas 13,3% da renda per capita informada para o bairro Meireles, que ocupa a primeira posição desse ranking.

Cabe destacar que a renda per capita corresponde a um valor médio de renda, e o IDH também registra um índice médio de desenvolvimento de uma dada região. Logo, sabendo-se que o bairro Vila Velha é uma área extremamente desigual da cidade, pode-se afirmar que a renda per capita dos moradores e o IDH da área onde está instalado o projeto são ainda menores que os registrados para o bairro como um todo.

No que se refere a aspectos da violência, o Plano Nacional de Segurança Pública e Defesa Social (BRASIL, 2018b) traz, no relatório de diagnóstico sobre homicídios no Brasil, as seis principais causas da violência no ano de 2018:

[...] (I) conflitos entre gangues e facções e as dinâmicas do tráfico de drogas; (II) violência patrimonial; (III) violência interpessoal; (IV) violência doméstica; (V) ausência do Estado em determinados territórios urbanos; e (VI) conflitos decorrentes de intervenção de agentes do Estado. O diagnóstico ressalta, ainda, fatores transversais à letalidade violenta, como o acúmulo de vulnerabilidades sociais [...] a proliferação de facções e organizações criminosas, [...] à violência e aos conflitos pelo domínio das principais rotas de tráfico de drogas. E [...] as constantes queimas de ônibus, a degradação de bens públicos e os assassinatos [...]. (BRASIL, 2018b, p. 24-25).

O número de homicídios é um parâmetro muito utilizado para inferir níveis de violência. Até o ano de 2012, os dados disponibilizados pelo IPLANFOR, SSPDS e IPEA forneciam o número de homicídios e a taxa de homicídios a cada 100 mil habitantes para Fortaleza, porém não apresentava os números por zona ou bairro. A partir de 2013, passaram a dividir os dados em Áreas Integradas de Segurança (AIS), no entanto, a composição das AIS sofreu variações, modificando a nomenclatura, a quantidade e quais bairros fazem parte de cada uma delas, impossibilitando uma análise da violência restrita ao bairro Vila Velha.

Isto posto, segundo dados do Instituto de Planejamento de Fortaleza - IPLANFOR (FORTALEZA, 2015), no que se refere à Fortaleza, no ano 2000 foram registrados 520 homicídios enquanto em 2010 registraram-se 1.669 assassinatos. Em valores absolutos, o número de homicídios mais que triplicou nesse período de dez anos. Além disso, conforme IPLANFOR (2015), o relatório do *Consejo Ciudadano para la Seguridad Pública y Justicia Penal do México*, que considera em sua análise cidades com mais de 300 mil habitantes, classificou Fortaleza como a 8ª cidade mais violenta do mundo em 2014. Ademais, o Plano de Desenvolvimento Econômico e Social, Fortaleza 2040, também destaca que:

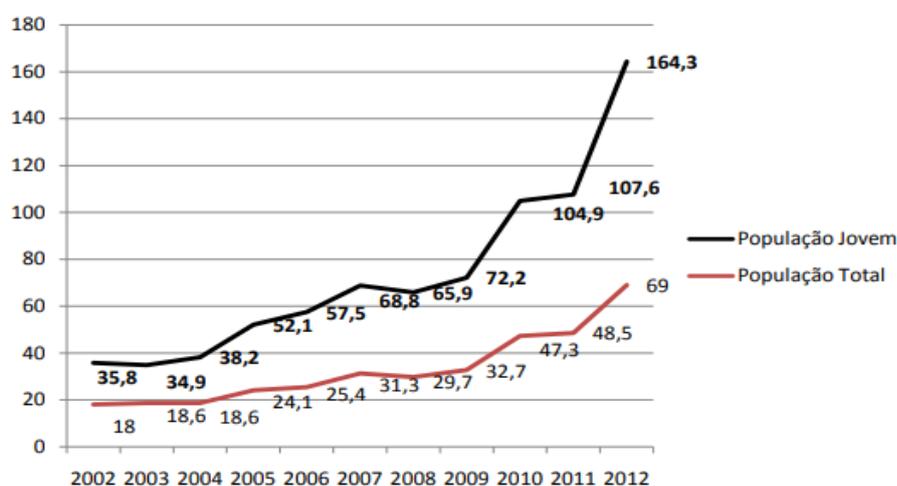
A Organização Mundial de Saúde considera que mais de 10 homicídios por 100 mil habitantes é uma “situação epidêmica”, estabelecendo uma marca que se tornou parâmetro mundial para pensar a realidade do crime nos mais diversos Países do globo. No Brasil, desde o ano de 1989, a taxa de homicídios supera os 20 homicídios por 100 mil/hab. [...] Em 2012, 36,5% das mortes de adolescentes com idade entre 10 e 18 anos perderam a vida em agressões, enquanto que o mesmo percentual na população total foi de 4,8%. Conforme demonstram dados do SIM, no Brasil, em 2012, 53,37% dos 56.337 de mortos por homicídios eram jovens, sendo que 77% deles eram negros e 93,3% do sexo masculino. Essa situação, em vez de surpreendente, é amplamente conhecida dos cientistas sociais que, nos últimos vinte anos, se debruçam sobre os dados de crimes violentos no Brasil. (FORTALEZA, 2015, p. 9).

Os dados são alarmantes e podem ser comparados aos de uma guerra, expõem que a população negra é atingida mais fortemente pela violência e se revelam perversos quando se referem à morte violenta de crianças, adolescentes e jovens. Esses índices refletem a realidade de extrema violência vivenciada no Brasil. Geralmente nas periferias urbanas, os jovens encaram cotidianamente os algozes da violência, tornam-se alvos no fogo cruzado das disputas

territoriais das facções. Assim, não é coincidência que esse estrato da sociedade seja também mais vitimado por homicídios.

O Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) apresenta a classificação etária para esse público. Conforme exposto no Art. 1º, Inciso § 1º; “Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”. (BRASIL, 2013). A Figura 13 traz um gráfico que apresenta as taxas de homicídios a cada 100 mil habitantes para a população de Fortaleza, considerando a população total e a população jovem.

Figura 13 - Taxas de homicídios em Fortaleza, comparativo entre a população total e a população jovem



Fonte: Plano de Desenvolvimento Econômico e Social, Fortaleza 2040 (FORTALEZA, 2015).

Nota-se, a partir do gráfico, que a crescente da taxa de homicídios em Fortaleza é acentuada na população geral e mais ainda entre os indivíduos da população jovem. Em 2002, Fortaleza já registrava uma taxa de homicídios por 100mil/hab que caracterizava a situação da violência como epidêmica, segundo a OMS. Em 2012, o valor chegou a quase sete vezes o parâmetro base da OMS. No referido ano, a taxa de homicídios na população jovem atingiu mais que o dobro do registrado para a população geral, tendo ultrapassado em mais de 16 vezes o parâmetro mundial estabelecido pela OMS.

Por fim, se apresenta um recorte da situação recente da região denominada Área Integrada de Segurança 8 (AIS 8), composta pelos bairros Barra do Ceará, Vila Velha, Jardim Guanabara, Cristo Redentor, Pirambu, Floresta e Jardim Iracema, que, em 2020, registrou 122 Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI). Neste mesmo ano, Fortaleza registrou 1.250 e o estado do Ceará 4.039 mortes violentas intencionais.

Diante desse retrato da violência, a população precisa lutar por seus direitos e os governantes devem acolher as reivindicações para, assim, interromper o ciclo vicioso e desumano que os políticos continuam a reproduzir durante décadas com ações populistas que visam manter o poder e assegurar a regalia dos seus e detrimento das melhorias sociais necessárias.

O autor Milton Santos (2007) relata, em seu livro “O espaço do cidadão”, que todo o indivíduo, desde que nasce, deve ter seus direitos respeitados e garantidos. Ele diz:

O simples nascer investe o indivíduo de uma soma inalienável de direitos, apenas pelo fato de ingressar na sociedade humana. Viver, tornar-se um ser no mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual um portador de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, à chuva, às intempéries; direito ao trabalho, à liberdade e a uma existência digna. (SANTOS, 2007, p. 19).

Assim, para que esses direitos sejam respeitados, melhorias de condições de vida necessitam acontecer. Dentre as ações transformadoras, a educação tem papel fundamental. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/1996, estabelece no Título I: Da Educação, Art.1º, que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 2017).

A Lei ainda menciona no Título III, Art. 4º, que é dever do Estado ofertar e garantir de forma Gratuita a educação Básica dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, composta pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, como consta no Quadro 3.

Quadro 3 – Educação Básica conforme LDB

NÍVEIS DE ENSINO		
Educação Infantil	Ensino Fundamental I	Ensino Médio
Creche: Até 3 Anos	Inicia-se aos 6 (seis) anos e têm duração de 9 (nove) anos.	Etapa final educação Básica, inicia-se geralmente entre os 14 (quatorze) anos e tem duração de 03 (três) anos.
Pré-Escola: 4 e 5 Anos		

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quando essa lei não é cumprida, os estragos são extensos. Com base na taxa de analfabetismo da população por bairro, exibidos no informe 47 disponibilizado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE (CEARÁ, 2012), fez-se a Tabela 2, que

traz os valores absolutos e percentuais de pessoas analfabetas referentes a diversas faixas e grupos etários, englobando crianças a partir de 7 anos, adolescentes, jovens, adultos e idosos, residentes no bairro Vila Velha.

Tabela 2 – Dados populacionais estratificados e Percentuais da População Analfabeta do Bairro Vila Velha

Faixa etárias	População	Nº analfabetos	Percentual de analfabetismo
7 a 9 anos	3.053	565	18,5%
10 a 14 anos	5.729	279	4,9%
15 a 19 anos	5.696	147	2,6%
19 anos ou mais	40.527	3.226	8,0%
TOTAL (7 anos ou mais)	55.005	4.217	7,7%
7 a 14 anos	8.782	844	9,6%
15 anos ou mais	46.223	3.373	7,3%

Fonte: Elaborada pela autora, 2022, com base de dados do IPECE.

A população de crianças entre 7 e 9 anos apresentou o maior índice de analfabetismo, tendo atingido 18,5%, o que em parte se justifica por essa faixa etária ser composta por crianças ainda em processo de alfabetização. Segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), a faixa etária ideal para que as crianças estejam alfabetizadas no Brasil é entre 6-7 anos. Contudo a BNCC orienta, que só pode ser considerado alfabetizado o aluno que conseguiu decifrar os códigos da escrita e compreende o que foi lido, o que deve ocorrer até o 2º ano do fundamental I, conforme o disposto no documento:

“[...] esses conhecimentos de alfabetização até o 2º ano incluem a criança compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas, dominar as convenções gráficas, conhecer o alfabeto, compreender a natureza alfabética do nosso sistema de escrita, dominar as relações entre grafemas e fonemas, saber decodificar palavras e textos escritos, saber ler, reconhecendo globalmente as palavras, ampliar a sacada do olhar para porções maiores de texto que meras palavras, desenvolvendo assim fluência e rapidez de leitura” (BNCC,2018).

Logo, em condições ideais, as crianças entre 6 -7 anos devem cumprir sem interrupções o ciclo de alfabetização e letramento e sair desse ciclo plenamente alfabetizadas. Cabe destacar, porém, que o percentual de analfabetismo em crianças e adolescentes com idade entre 10 e 14 anos foi de 4,9%, sendo maior que o registrado entre adolescentes de 15 a 19 anos. Isto pode ser efeito de um atraso significativo no processo de alfabetização.

Em valores absolutos, o grupo com maior número de analfabetos é o de pessoas com idade acima de 18 anos, com 3.226 analfabetos somente no bairro Vila Velha, que correspondem a 8,0% da população deste grupo. Considerando-se o grupo de pessoas com 15 anos ou mais, o percentual de analfabetos reduz um pouco, ficando 7,3%, mas ainda assim é considerado alto, pois enquadra o bairro Vila Velha como um dos dez bairros com maior índice de analfabetismo de jovens, adultos e idosos. Ainda segundo os dados do IPECE (CEARÁ, 2012, p. 47):

[...] as maiores taxas de analfabetismo se concentram em bairros da periferia de Fortaleza, sendo que nestes bairros a maior proporção de pessoas analfabetas são do sexo masculino. Desta forma, criar políticas públicas que possam atender este público específico pode ajudar a melhorar alguns indicadores que são comuns nestas comunidades, como reduzir altas taxas de criminalidade e o desemprego.

No livro “Pedagogia e pedagogos, para quê?”, Libâneo (2010) apresenta um trecho do livro “O que é educação”, do antropólogo Carlos Brandão (1981), no qual o autor declara:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. [...] Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja a melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante. (BRANDÃO, 1981 Apud LIBÂNEO, 2010, p. 26).

A educação é o processo complexo de aquisição de conhecimentos, valores, crenças e hábitos por meio dos vários tipos de linguagem por intermédio de agentes educacionais, sociais, culturais, que buscam através de atividades de cunho educativo em ambientes formais e informais promover e garantir o processo de desenvolvimento dos indivíduos nas dimensões sociais, emocionais, físicas, intelectuais e culturais e, assim, contribuir para a transformação da sociedade.

Isto posto, realizou-se um breve levantamento em busca de conhecer os equipamentos e serviços públicos e gratuitos oferecidos à comunidade do bairro Vila Velha. As informações obtidas estão organizadas em um quadro e encontram-se no Apêndice C.

O Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária é um espaço de educação não formal e está localizado no bairro Vila Velha II, um dos conjuntos habitacionais do Grande Vila Velha, e encontra-se próximo à área de manguezal do rio Ceará. A Figura 14 exhibe a Rua do Canal, na qual está localizado o Projeto, em dois momentos distintos. À esquerda, tem-se uma

fotografia registrada pelo autor Mesquita (2010), que mostra o canal que divide os conjuntos habitacionais Vila Velha I e II do Vila Velha III e IV. Enquanto à direita encontra-se um registro atual da via que é denominada por muitos moradores como Faixa de Gaza, pois é a divisa entre comunidades rivais e já foi cenário de muitas mortes.

Figura 14 - Canal que cruza os conjuntos habitacionais Vila Velha



Fonte: Mesquita (2010) e produzida pela autora, 2022.

A fotografia do lado esquerdo mostra que a via tinha uma infraestrutura precária, não havia pavimentação, o canal encontrava-se a céu aberto e lixo se acumulava na rua e dentro do canal. Além disso, próximo ao final da rua, no lado direito, havia um campo de terra batida onde as crianças, jovens e adultos praticavam esporte, preferencialmente durante o dia, pois durante a noite a iluminação era quase inexistente. A imagem do lado direito apresenta uma melhoria significativa na infraestrutura da rua, que, atualmente, está pavimentada, o canal encontra-se coberto e, onde antes havia um campo de terra, hoje existe uma areninha e os refletores permanecem ligados a noite inteira, o que transmite mais segurança para a comunidade e frequentadores.

6.2 Análise a partir dos dados cadastrais, controle de empréstimo de livros e das respostas obtidas a partir do questionário aplicado aos pais e responsáveis

A primeira análise documental realizada pelo projeto se baseia nas informações contidas no cadastro de crianças, adolescentes e adultos inscritos na Biblioteca. Foram cadastradas, até maio de 2022, 28 pessoas, estas pertencentes a 19 grupos familiares. Participaram do preenchimento das fichas de cadastro pais e responsáveis, sendo 15 mães, 4

pais e 1 avó. Isso reflete uma participação maior das mães no processo de incentivo às práticas literárias. O Quadro 4 organiza as informações obtidas, destacando idade, gênero e escolaridade das pessoas cadastradas.

Quadro 4 – Perfil dos eleitores cadastrados no Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária

PERFIL DOS LEITORES CADASTRADOS					
Leitores		Crianças ≤ 12 anos	Adolescentes 12 - 18 anos	Adultos ≥ 18 anos	
Feminino	21	15	03	03	
Masculino	07	05	01	01	
Total	28	20	04	04	
CLASSIFICAÇÃO POR GRAU DE ESCOLARIDADE					
Entrevistados		Crianças	Adolescentes	Adultos	
Educação Infantil		04	---	---	
Fundamental I incompleto		14	---	---	
Fundamental II incompleto		02	04	---	
Ensino Médio incompleto		---	---	01	
Ensino Médio completo		---	---	03	

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Os parâmetros de classificação por faixa etária do Estatuto da Criança e do Adolescente relatam, em seu Art. 2º, que: “Considera-se criança [...] pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. E em casos excepcionais, pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade”. (BRASIL, 1990). Assim, segundo esta classificação, o projeto tem cadastrados 20 crianças, 4 adolescentes e 4 adultos, totalizando 28 pessoas cadastradas. Cabe destacar que existem pessoas não cadastradas que participam de algumas atividades do projeto, principalmente nas de integração (oficinas, cinema e confraternizações).

Nota-se que o cadastro de leitores é predominantemente de pessoas de sexo feminino, tendo alcançado o percentual de 75% em todas as classes etárias.

Ademais, nenhum dos adultos cadastrados faz parte da rede de ensino atualmente, três deles concluíram o ensino médio e uma abandonou o ensino médio por conta de gravidez precoce. Outro ponto é que todas as crianças e adolescentes cadastrados frequentam a escola nos níveis de educação infantil, fundamental I ou fundamental II. No entanto, cabe destacar que

nem sempre o nível de ensino representa a real capacitação. Como exemplo, pode-se citar crianças matriculadas no 4º e 5º ano que apresentam um déficit no aprendizado, pois ainda não leem com destreza e apresentam dificuldade na escrita, ou seja, não desenvolveram a capacidade cognitiva de decodificar e codificar.

O controle de empréstimo se dá para criar o sentimento de pertencimento e responsabilidade nos leitores, bem como possibilita o controle quantitativo de livros emprestados mensalmente. A Tabela 3 traz o registro do período entre os dias 23 de outubro de 2021 e 31 de maio de 2022.

Tabela 3 – Controle de empréstimo de livros mensal

CONTROLE DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS MENSAL								
Meses	Out. 2021	Nov. 2021	Dez. 2021	Jan. 2022	Fev. 2022	Mar. 2022	Abr. 2022	Mai. 2022
Nº de dias	06	19	15	15	20	20	21	21
Nº de livros	43	89	75	53	48	105	98	126

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

A partir dos dados coletados e registrados na tabela acima, tem-se que o total de livros emprestados em pouco mais de sete meses de funcionamento do Projeto Campo Literário é de 637 livros. E, em média, foram emprestados 85 livros por mês. Para além dessa análise quantitativa, busca-se enxergar o acesso das crianças, adolescentes e adultos ao universo da leitura, o que é algo muito mais importante e significativo para o projeto e para a comunidade.

No questionário aplicado via *Google Forms* aos pais e responsáveis, obteve-se somente treze respostas. Essa participação foi considerada proveitosa e motivo de surpresa e gratidão, tendo em vista que muitos deles só compareceram no ato da realização de inscrição dos filhos ou quando aconteceu algum evento de confraternização na biblioteca. O Quadro 5 apresenta o perfil dos pais e responsáveis que participaram da pesquisa, também destacando idade, gênero e escolaridade.

Quadro 5 – Perfil dos pais e responsáveis entrevistados

PERFIL DOS PAIS E RESPONSÁVEIS			
Público	Adolescentes	Adultos	Idosos
Mães	01	09	—
Pais	—	01	—
Avós	—	02	—
Avôs	—	—	—
GRAU DE ESCOLARIDADE			
Analfabeto			01
Fundamental I incompleto			02
Fundamental II incompleto			05
Ensino Médio incompleto			03
Ensino Médio completo			02

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quanto ao gênero dos pais e responsáveis, nota-se que a participação de mulheres é significativamente maior, seja porque se trata de famílias nas quais não há a presença do pai, seja pela cultura de que a mãe é a responsável por “cuidar dos filhos”.

Quanto ao nível de escolaridade dos pais e responsáveis, verifica-se que um dos treze sequer concluiu o processo de alfabetização, dois ainda não conseguiram concluir o Ensino Fundamental I, cinco não concluíram o Ensino Fundamental II, três ainda não completaram o Ensino Médio e somente dois o concluíram. Como podemos observar, o grau de escolaridade dos entrevistados é baixo, o que reflete e interfere diretamente nas condições de vida e renda da família.

Embora os questionários não tenham abordado as condições de renda das famílias, alguns relatos feitos durante a participação dos pais e responsáveis nas atividades da biblioteca permitiram ter uma noção sobre a situação financeira dessas famílias. Isto posto, cinco pessoas relataram que não possuem renda fixa. Dessas, quatro são mulheres; seis disseram que a única renda que recebem é oriunda de benefício oferecido pelo governo; todas são mulheres, dentre elas duas avós jovens; e somente dois falaram que trabalham e recebem um salário mínimo, justamente os dois entrevistados que conseguiram concluir o ensino médio. Esse fato ilustra que quanto maior o nível de escolaridade, maior tende a ser a renda alcançada.

Por meio do questionário, também se buscou obter a subjetividade inclusa nas devolutivas das perguntas feitas aos pais e responsáveis sobre a importância das atividades promovidas pela biblioteca para a formação leitora e transformação sociocultural da comunidade. Contudo, apenas algumas questões consideradas mais relevantes serão apresentadas a seguir.

Buscando saber se os pais e responsáveis conheciam as atividades preferidas de seus filhos ou netos, perguntou-se: “Quais as atividades que eles mais gostam de participar na biblioteca?”. O resultado encontra-se registrado na Figura 15.

Figura 15 - Gráfico sobre a preferência de atividades



Fonte: elaborada pela autora, 2022.

Embora o questionário apresentasse diversas opções de respostas, apenas duas foram escolhidas, obtendo-se 84,6% de preferência para contação de história e mediação de leitura e 15,4% para leitura livre. O relato de uma das crianças pode ajudar a elucidar o motivo de outras atividades não terem sido mencionadas. Margarida (8 anos) disse:

Não gosto de participar do Cine Literário. Pois a minha avó disse que eu tenho que ir para a biblioteca é para aprender a ler, e não para assistir filme, e que se for para eu assistir filme, eu fico em casa. (Margarida, oito anos).

É possível perceber que essa fala não representa o gosto da criança, mas a opinião da avó. Assim, pode-se inferir que a fala da avó influenciou na resposta da leitora. No entanto, os filmes são apresentados como estratégia didático-pedagógica para promover a formação cultural e educacional. Para reiterar, cita-se Cipolini (2008, p. 19), que fala da importância da 7ª arte como estratégia pedagógica de aprendizagem.

O filme pode ser utilizado como instrumental didático ilustrando conteúdos, principalmente referentes a fatos históricos; como motivador, na introdução de temas psicológicos, filosóficos e políticos, estimulando o debate; ou como um objeto de conhecimento, na medida em que é uma forma de reconstrução da realidade.

Cabe destacar que, no momento de predição antes da exibição do filme, esta mesma criança participou, interagiu e expôs suas expectativas em relação à obra. Ao final da apresentação, relatou que gostou do filme e disse: “Aprendi com a história A Estrela de Belém

que devemos sempre valorizar as amizades e respeitar os desejos e opiniões dos outros”. Essa fala reflete o quanto as propostas e estratégias pedagógicas estão contribuindo para a formação sociocultural dos leitores.

Para Paulo Freire (1996, p. 66), todo o indivíduo em processo de formação precisa ser considerado, e complementa: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Assim, é necessário conscientizar pais e responsáveis da importância também das atividades lúdicas e de socialização para a formação das crianças e adolescentes, pois a visão preconceituosa deles prejudica e torna confuso o entendimento e as afasta das atividades.

Diante da pergunta: “Você conhece ou já visitou algum centro cultural na sua cidade?”, apenas 30,8 % responderam SIM. Logo, a maioria dos entrevistados, cerca de 69,2%, informou não conhecer nem ter visitado um centro cultural na cidade.

O alto percentual de NÃO levanta hipóteses: (i) que há carência de centros culturais, (ii) que as pessoas da comunidade não têm acesso a centros culturais; (iii) que as pessoas não têm consciência de quais são os centros culturais da cidade; (iv) que as pessoas da comunidade não possuem renda suficiente para acessar esses bens. As perspectivas são alarmantes, haja vista que revelam a falta de capital cultural dos entrevistados e a dificuldade de acesso aos equipamentos culturais pela comunidade carente.

A pergunta “O que você acha do espaço físico da Biblioteca Campo Literário?” permitia ao entrevistado classificar o espaço em 4 classes: muito bom, bom, regular e ruim. Isto posto, obteve-se que 84,6% dos entrevistados classificam espaço como muito bom e 15,4% como bom. Embora essa classificação não possa dizer muito sobre o espaço da biblioteca, ela revela que os pais e responsáveis têm uma visão positiva. No entanto, o questionamento feito na sequência, no qual se perguntou o porquê, possibilita uma análise mais abrangente. A seguir, tem-se as respostas registradas.

“Pq tira as crianças da rua”

“E um ambiente agradável e samos bem recebidos”

“Acolhendo”

“Arejado”

“Limpo”

“Por tem livros gratos”

“Feliz”

“Porque tem alegria”

“Tem libro”

“Da pra realizar as atividades, é aconchegante”

“Ele é limpo arrumado e próximo de casa”

“Bonito e acolhedor”

“E muito bom , pois é um modo de ensinar e tirar muitas crianças das ruas”

Nota-se que alguns pais ou responsáveis atentaram mais para as características físicas do ambiente, destacando a limpeza, a ventilação e a beleza do ambiente. Outros, porém, ressaltaram aspectos socioemocionais, como sendo um ambiente alegre, aconchegante e acolhedor. Outros ainda destacaram os benefícios de se ter um espaço que tirava as crianças da rua, que promovia o ensino e a leitura de forma gratuita.

A análise da fala dos pais e responsáveis revela que eles, embora leigos e dotados de uma linguagem simples, têm o entendimento de que a Biblioteca vai muito além de um depósito de livros, estando em concordância com o relato de vários autores citados anteriormente: Lemos (2005), Santos (2012), Castrillón (2011) e Freire (1989).

Diante do questionamento “Você acha que seu filho gosta de frequentar a biblioteca?”, a resposta SIM foi unânime. Logo, eles acreditam que seus filhos ou netos gostam de participar das atividades do projeto. Em seguida, ao serem questionados “Por quê?”, responderam:

“Pq ela ficar querendo ir direto”

“Estimula a sua criatividade e imaginação”

“Ele fica feliz”

“Gosta historia”

“Ela quer apreder a ler”

“Por ela pede”

“Para ouvi histora”

“Ela gosta ouvir história”

“Ele gosta de ler”

“Se sente bem, faz amizades”

“Porque ela gosta muito de contação de história”

“Porque a tia Verônica é atenciosa”

“Ele gosta muito de aprender”

Diante de tais respostas, pode-se compreender que diversos aspectos, no entendimento dos pais e responsáveis, são motivadores do gostar das crianças. Alguns destacaram aspectos relacionados à contação de histórias; outros, aspectos relativos ao gosto pela leitura ou à vontade de aprender; outro destacou a socialização (fazer amizades); alguém ainda destacou a atitude mediadora como significativa; e alguns atentaram para as reações das crianças, reportando felicidade e vontade de retornar à biblioteca.

As autoras Silva e Kohn (2016, p. 79) dizem acreditar que o gosto pela leitura contribui para formar o leitor e complementam: “Por meio da leitura, o indivíduo desenvolve a criatividade, a imaginação, adquire cultura, conhecimentos e valores, formando um sujeito crítico e consciente de seu papel na sociedade”.

Com o intuito de analisar a percepção dos pais e responsáveis quanto ao progresso no aprendizado, fala ou comportamento das crianças e adolescentes que frequentaram as atividades na biblioteca, perguntou-se “Você observou algum progresso no aprendizado, fala ou comportamento do seu filho depois que ele começou a frequentar a biblioteca?”. Novamente, o sim foi a resposta unânime. Na sequência, questionou-se: “Se sim, qual?”, ao que eles responderam:

- “A leitura”
- “Fala e escrita correta”
- “A leitura e escrita e quando fala”
- “Ele gosta de desenha”
- “Minha filha Thayná está conseguindo ler”
- “Escrita e fala”
- “Fala”
- “Fala dela”
- “Letura”
- “Interesse pela leitura, melhorou a dicção e o vocabulário”
- “Quando ela ler”
- “A leitura e a fala dela”
- “Ele quer aprender e ler o mais rápido possível”

Dentre as mudanças visíveis aos olhos dos pais e responsáveis estão a melhoria da leitura, fala e escrita, bem como registram mudança no comportamento, destacando-se a vontade de aprender a ler e o interesse pela leitura. A constatação dos pais e responsáveis corrobora com o que está registrado no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos - PNEDH (BRASIL, 2007), que reconhece a importância de ações realizadas pela comunidade como meio de promover a educação e garantir os Direitos Humanos.

A questão “O que você acha do acervo literário da Biblioteca?” também permitia a classificação em: muito bom, bom, regular e ruim. No entanto, é o questionamento feito na sequência, no qual os entrevistados discorreram sobre o porquê, que trouxe elementos a serem destacados nesta análise. A seguir, lista-se todas as respostas obtidas:

“Uma pessoa maravilhosa”
 “Temos muitas novidades que desconhecido”
 “Muito livro”
 “Livros colorido”
 “Muito bom organizado”
 “Porque empresta de grato”
 “Livro”
 “Livros gratuitos para emprestar”
 “Ele le varios libro”
 “Tem variedade”
 “Livros variados”
 “Diversificado”
 “Muito legal , incentivar as crianças e os adolescentes”

Nota-se, mais uma vez, que o acesso ser gratuito é um ponto relevante para os pais e responsáveis. Ademais, os entrevistados destacam a diversidade dos livros, a organização do acervo e possibilidade de empréstimo como pontos positivos.

No entanto, algumas respostas deixam claro que existem pessoas que sequer entendem o que significava o acervo literário da biblioteca. Como exemplo disso, tem-se respostas que se referem ao acervo como “Uma pessoa maravilhosa” ou “Muito legal, incentivar as crianças e os adolescentes”.

Durante a conversa informal no ato da inscrição, os responsáveis se sentiram à vontade e expuseram de forma espontânea fatos de suas vidas pessoais e relações familiares sem que fosse necessário questioná-los. No entanto, em resposta ao questionário, a grande maioria apresentou dificuldade de se expressar por meio da ferramenta, possível reflexo de dificuldade com o manuseio do aplicativo, não entendimento das perguntas ou, ainda, não se sentir à vontade para responder via aplicativo, dentre outras. Registra-se que as respostas foram, geralmente, curtas, confusas e inclusive com diversos erros ortográficos e gramaticais, que reiteram as dificuldades de leitura, compreensão e escrita, reflexo do baixo nível de escolaridade dos participantes.

6.3 Análise a partir de observações e relatos

Uma breve reflexão sobre os sentimentos relatados pelas crianças e adolescentes ao se trabalhar a temática do medo e da morte, no *Halloween* literário, corroborou para compreender a dimensão dessa carga emocional, visto que praticamente todas as crianças relataram algum episódio de sofrimento e tristeza causado pela morte de um familiar ou pelo

medo de perder um ente querido. Trabalhar os sentimentos com as crianças e jovens que estão inseridos em uma comunidade dominada pela violência, em todos os quesitos, é algo extremamente necessário. Nota-se, por meio dos relatos, que eles recebem essas informações sem nenhum filtro ou preocupação, como algo banal, são apresentados à face confusa, sombria da dor e do sofrimento causados pelo fim de um relacionamento, violência doméstica, abusos e a morte de um familiar. As crianças e jovens que presenciam e enfrentam esse tipo de violência e sofrimento por vezes desenvolvem o desinteresse pela vida, pelo estudo e a apatia social.

A autora Michéle Petit (2010) relata que as crianças e jovens que vivenciaram algum tipo de violência ou abandono familiar durante a infância ou adolescência desenvolveram um “olhar de pedra”, ou seja, eles criaram seu próprio mecanismo de defesa para se proteger dos horrores pelos quais foram submetidos, criando barreiras para se afastar da realidade, vivendo praticamente em um mundo paralelo, atormentado pelo medo, dúvidas, lembranças e pensamentos negativos. Com essa e outras atividades, busca-se quebrar esse “olhar de pedra” que turva a visão de futuro dessas crianças e jovens, mostrando-lhes que o livro e a leitura têm o poder de amenizar o sofrimento e a dor, bem como de despertar novamente a confiança e os sentimentos bons.

Um relato extremamente importante para nossa pesquisa traz a fala de uma senhora pertencente à comunidade, no qual ela diz: “Meu maior desejo é aprender a ler e escrever!”. Diante da expressão desse desejo, fez-se o convite para que ela participasse das atividades promovidas pela biblioteca, ao que ela respondeu de imediato que participaria. No entanto, dias depois, ela veio apenas para dizer: “Na verdade eu queria que a senhora me ensinasse no horário em que não tivesse ninguém na biblioteca, não quero que as outras pessoas saibam que eu não sei ler e escrever.” Esse relato revela a dificuldade de enfrentar os obstáculos da violência simbólica e do preconceito intrínseco à falta do letramento.

Para Bourdieu (2001), a violência simbólica é formada por uma relação de opressão, dominação e agressões objetivas e subjetivas de exclusão, desmoralização, desrespeito e insensibilidade entre os indivíduos e classes sociais que possuem capital cultural, educacional e/ou econômico superior a outros. A violência simbólica, em alguns casos, ocasiona e desencadeia a naturalização da discriminação, da intolerância, da segregação e do preconceito até mesmo entre os membros de uma mesma família, comunidade e/ou sociedade.

A leitura proporciona um leque de conhecimentos e aptidões que contribuem para a formação do leitor, cidadão e de uma sociedade mais igualitária. Os autores Fiorentini e Lorenzato (2009, p. 112) relatam que, para uma pesquisa ser considerada um instrumento de

transformação, o pesquisador deve adentrar o: “[...] ambiente a ser estudado não só para observá-lo e compreendê-lo, mas, sobretudo, para mudá-lo em direções que permitam a melhoria das práticas e maior liberdade de ação e de aprendizagem [...]”.

Com esse propósito, buscou-se, através dessa pesquisa-ação, compreender, por meio das falas dos participantes e seus familiares, se as práticas pedagógicas e as atividades realizadas pela biblioteca estão propiciando de fato a formação de uma comunidade leitora e a transformação sociocultural.

Os relatos se deram de forma espontânea e através de conversas que aconteceram no decorrer da participação em atividades de integração e socialização promovidas pelo projeto. Tais conversas foram incentivadas com o propósito de conhecer e estabelecer relações entre a teoria, a prática e a realidade vivenciada. Por meio das observações, declarações e reações capturadas nesta pesquisa, deu-se voz aos leitores, pais e responsáveis a partir dos relatos expostos a seguir.

Ao falarem sobre a biblioteca e o que gostam de ler, Antúrio (13 anos) disse: “Tem história para todos os gostos, enciclopédias [...], contos e histórias infantis, mas eu prefiro ler são os livros da escola do terror e as revistinhas do cavaleiro do zodíaco”. Essa fala demonstra um conhecimento prévio sobre as obras que a biblioteca possui e também expressa seu gosto literário. Outro ponto que nos chamou foi quando a leitora Jasmim diz: “[...] gosto mais de ler os livros de fadas, que tem letras de verdade!”. Diante dessa colocação, perguntou-se: “O que seria um livro com letras de verdade?”. Ela se dirigiu às prateleiras da biblioteca e depois de algum tempo voltou com um livro nas mãos, o livro infantil *É o Bicho!* de Amélia Albuquerque, e falou: “Tia, eu só sei ler esses livros, compra mais livros desse!”. Observou-se que a letra utilizada em sua escrita, que ela considera como “letra de verdade”, é a bastão maiúscula. Essa leitora tem oito anos, está fazendo o 2º ano do fundamental e ainda não reconhece os outros tipos de letras.

Ao perceber que essa dificuldade é recorrente, visto que nessa faixa etária muitas das crianças que são atendidas pela biblioteca apresentam as mesmas dificuldades de leitura e aprendizagem por ainda não conhecerem os diversos tipos de letras, buscou-se ressaltar, durante a realização das Contações de História e mediação de leitura, as várias formas de escrita que são utilizadas no processo de alfabetização, auxiliando-os no processo de aprendizagem e de formação leitora.

Certo dia, ao caminhar na rua, uma das crianças, o Cravo, veio e perguntou: “Tia, hoje tem blebleca? Eu quero ouvir estora, tia!”. Essa atitude, além de linda, mostra o quanto as ações estão transformando a rotina e a vida desses pequenos. Despertar o gosto pela leitura em

crianças é fundamental para desenvolver a criatividade, a oralidade, a imaginação, dentre outras habilidades cognitivas. Durante o processo de aquisição da cultura letrada, por meio da contação de história e mediação de leitura, o pedagogo explora e utiliza diferentes linguagens, materiais e modos de ler com o propósito de promover o hábito e o gosto pela literatura, contribuindo, assim, para a compreensão de histórias e textos, promovendo a formação de leitores autônomos, capazes de interpretar, assimilar e utilizar os conhecimentos adquiridos para transformar a sua realidade de vida e da comunidade.

No entanto, não é só a vida dos pequenos que está sendo transformada. O leitor que mais realizou empréstimo, em outubro de 2021, foi o Lírio (24 anos). Esse leitor é portador de paralisia cerebral e, por conta dessa deficiência, apresenta algumas limitações fisiológicas, neurológicas, motoras e cognitivas. O leitor, com o apoio e incentivo da família, conseguiu concluir o ensino médio e hoje é um dos leitores mais assíduos da biblioteca. O gênero textual que ele mais gosta é a literatura religiosa, também gosta muito de fábula. Ele já leu várias vezes o livro *O Pequeno Príncipe* e a cada nova leitura compartilha os novos conhecimentos adquiridos. "Amiga, gosto muito desse livro e nunca vou me cansar de ler, eu queria ser o pequeno príncipe!".

Percebe-se que, para promover o hábito e o gosto pela leitura literária, não é preciso recorrer a recursos tecnológicos de última geração, basta que haja empenho e doação de um pouco de tempo para: escolher um livro, organizar um espaço e realizar a leitura. Essas atitudes simples contribuem para o resgate da autoestima, a formação e a transformação social e cultural das crianças e da comunidade. Como relata o autor Villardi (1997, p. 2): "Porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece".

Gardênia (13 anos), nos meses de dezembro e janeiro, foi a leitora que mais realizou empréstimo de livros. Ela aproveitou as férias para iniciar a leitura da coleção de revistas em quadrinho da turma da Mônica Jovens. Além disso, registra-se a sua fala diante da preferência pelo momento da ciranda literária.

[...] prefiro a contação de história, porque quando a tia conta, usa uma voz engraçada, aí eu fico imaginando que é a mesma voz do personagem da história. Eu também gosto quando a tia pede pra gente ler a história e quando a senhora nos ajuda.

O pedagogo é um profissional que possui conhecimentos teóricos e práticos que podem mediar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, pois ele utiliza-se de metodologias e estratégias didáticas para promover a troca de experiências, saberes, além de

favorecer e estimular a interação e a socialização entre as crianças durante a realização das atividades de incentivo à leitura. Nesse relato, destacam-se as estratégias e modos de leituras utilizados pela pedagoga, quando esta dramatiza a obra literária e modifica a tonicidade da voz para despertar o interesse do ouvinte. Assim, constatou-se na prática que, nesse momento, estabelece-se um elo invisível entre o contador, a obra e o ouvinte e, a partir daí, o mágico e fantasioso mundo do letramento se cria, a vida começa a imitar a arte e dá voz aos que dela se empoderam.

A autora Bia Bedran,(2010), traz a fala de Malba Tahan (1966), que relata de forma sucinta a importância da contação de história:

“A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção”. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos (TAHAN, 1966 *apud* BEDRAN, 2010, p.13)

O documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 145), acrescenta outro, dentre os muitos benefícios da contação de história, ao dizer que: “A leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários”. Assim, reitera-se que, no Projeto Campo Literário, a contação de história tem papel fundamental na formação dos leitores.

Entre as várias conversas realizadas com os leitores, destaca-se uma na qual, aproveitando a presença deles no espaço, fez-se questionamentos referentes a sugestões de atividades e melhorias para o projeto. Em resposta, a maioria disse que gostaria que na biblioteca tivesse mais jogos, brinquedos e brincadeiras. Dois leitores solicitaram a compra de revistas em quadrinho e *mangás*. Outros dois pediram a realização de atividades culturais como saraus e artes e um deles pediu que fosse oferecido lanche. Todas as sugestões foram importantes e, dentro das possibilidades, buscou-se atender aos pedidos dos leitores, pois entende-se que as ações de melhoria contribuem para fortalecimento dos laços afetivos para com o projeto.

Os leitores também relataram que os pais estimulam a vinda e a participação deles nas atividades que são desenvolvidas na biblioteca, como se pode observar nas falas a seguir:

Quando chego da escola, minha mãe não deixa nem eu chegar direito e vai logo falando, “cuida menina, toma banho, merenda que já está na hora da biblioteca, senão você chega atrasada e perde a Contação de História”. (Gardênia, 13 anos).

Meu pai, quando me deixa no colégio de manhã, me diz assim: “a tarde tem biblioteca, é para ir! Quando eu chegar à noite quero ouvir a história que a tia contou hoje”. (Jacinto, 8 anos).

Os pais também apresentaram diversos relatos sobre a participação das crianças nas atividades do projeto.

Ele tá mais educado, quando a gente fala, ele escuta e obedece, deixou mais de usar o celular o tempo todo, agora vive agarrado com as revistinhas que traz da biblioteca, também está mais comportado quando a gente sai de casa. Ele tem feito as tarefas com gosto e sem preguiça, vem tirando notas melhores, está lendo mais, até a professora de português falou que ele está participando mais durante a aula, e me perguntou se eu tinha colocado no reforço?! (Jericó, 42 anos, fala sobre seu filho Jacinto, 8 anos).

Criei minha neta desde que meu filho morreu, e ela sempre foi muito respondona e desobediente, só falava gritando e respondia em cima da bucha. De uns tempos pra cá, ela mudou muito, no jeito de falar, tá me ajudando com as tarefas de casa, tem até ido pra igreja, quero que ela fique assim pra sempre! Margarida melhorou muito no colégio também, antes ela tinha muita dificuldade para ler as palavras, agora ela já começou a ler, graças às atividades da biblioteca, porque eu não tenho condição de ensinar, como a senhora sabe, e nem dinheiro para pagar o reforço. (Coroá, 56 anos, fala sobre sua neta Margarida, 8 anos).

Meu filho sempre foi uma benção, pra não dizer outra coisa, e não tinha amizade. Depois que ele começou a vir para a biblioteca, ele começou a fazer amizade e hoje já pede para sair de casa, para ir para a biblioteca e para brincar com as outras crianças, e não briga mais com as outras crianças como antes. Ele tem conversado mais com a gente, deixou de implicar com a irmã, às vezes os pego brincando, acredita? Isso não acontecia, não sei se ele tinha raiva ou ciúme da menina, mas não queria que ela chegasse nem perto dele. (Malva, 28 anos, fala sobre seu filho Narciso, 11 anos).

Verificou-se, através das falas dos responsáveis, que as crianças, após começarem a frequentar a biblioteca, sentiam-se mais confiantes, integradas, motivadas e interessadas. Relataram também um progresso em relação à leitura, fala, escrita, mudança positiva no comportamento, afetividade e socialização das crianças, tanto no ambiente familiar, escolar como no comunitário.

Jacinto (8 anos) e Narciso (11 anos) são portadores do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). As patologias dos leitores mencionados interferiam em suas relações interpessoais, contudo, as atividades desenvolvidas na biblioteca promovem uma reflexão sobre questões que causam a exclusão social, dentre elas, o respeito às diferenças. Assim, já se observa uma evolução significativa no comportamento e em suas relações sociais. A leitora Gardênia (13 anos) é portadora de uma doença autoimune, Lúpus, sofrendo muito com o preconceito e a exclusão a ela impostos. A mãe dela fala das dificuldades enfrentadas e da surpresa e felicidade diante das mudanças.

Antes, minha filha era excluída, sofria muito *bullying* das crianças por conta das condições de saúde dela. Hoje, parece milagre, as mesmas crianças que faziam ela sofrer, mangando do andado e ferimentos dela, hoje chamam ela para brincar, abraçam ela, chamam ela para aniversário, e isso me deixa muito feliz. (Jurema, 32 anos, fala sobre sua filha Gardênia, 13 anos).

Na visão de Gohn (2006, p. 29-30), a educação não formal:

[...] capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. [...] A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc.

Logo, a biblioteca comunitária, como espaço de educação não formal, demonstrou ter atuado de forma satisfatória no fortalecimento do exercício da cidadania. Além disso, a formação do pedagogo não é voltada somente ao ensino dos conteúdos da proposta curricular, sua atuação vai além dos muros da escola, nos diferentes espaços onde são previstos conhecimentos pedagógicos. No presente estudo, constatou-se que a atuação do pedagogo como educador social foi relevante e alcançou bons resultados. Por fim, verificou-se que a troca de experiências e saberes, além de estimular a interação e a socialização entre as crianças durante a realização das atividades, promove a inclusão.

São iniciativas como essa que transformam a sociedade, principalmente aqui, que tem tanto adulto como minha avó, que não sabe ler, e muitos jovens e mãe como eu que desistiu de estudar para cuidar dos filhos. (Malícia, 17 anos).

Esse relato reflete a importância das atividades desenvolvidas na biblioteca em direção à formação de uma comunidade leitora e à transformação de vidas. Ademais, a célebre frase do poeta Mario Quintana diz: “Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”. Neste contexto, houve relatos com sugestões para ampliar o alcance do projeto e iniciativas de colaboração.

Queria fazer um pedido, tem como a senhora fazer esse projeto pra adultos também? Queria vir, mas só posso à noite, que é quando eu tenho mais tempo. [...] Acho que esse projeto tem que ter mais ajuda do prefeito, do vereador, da comunidade, para aumentar e colocar um lá embaixo, no mangue, pra poder ajudar a todas as crianças e jovens da nossa comunidade, né! (Caroá, 56 anos).

Seria legal que, aos sábados, quando o campo é liberado para as crianças brincar, a senhora levar o tapete e os livros para lá, se a senhora quiser eu posso vir ajudar a levar, acho que as crianças iam gostar bastante. (Jurema, 32 anos).

Saber que alguns familiares estão dispostos a ajudar na tarefa de promover a leitura na comunidade é gratificante. O autor Kriegl (2002, p. 7) relata que, para formar leitores, é necessário ser fonte de inspiração para eles, e complementa:

Ninguém se torna leitor por um ato de obediência, ninguém nasce gostando de leitura, a influência dos adultos como referência é importante na medida em que são vistos lendo ou escrevendo, ou seja, a criança vê o adulto como espelho, ela precisa ser estimulada para que desenvolva esse hábito para poder despertá-lo.

Observa-se que as mães e avós do projeto buscam ser essa fonte de inspiração na formação de nossos leitores, pois entendem o quanto esse estímulo, incentivo e acesso ao mundo literário podem contribuir para desenvolver o hábito pela leitura e, assim, contribuir para a formação integral das crianças e jovens.

Todos esses relatos alimentam e dão força para continuar. Pode parecer algo banal e fácil de ser realizado para alguns, mas não é! É preciso reconhecer que há uma diferença enorme entre falar sobre alguma coisa que você leu, com base nos conhecimentos de outros, e falar de algo que você vivenciou e vivencia diariamente, a exclusão, a falta de oportunidade e a violência. É preciso ter coragem e, muitas vezes, se passar por louco para driblar as interferências.

As ações desenvolvidas semeiam amor, respeito, dignidade, autonomia e conhecimento para que as futuras gerações possam colher os frutos desse ato de doação e amor ao próximo. Não é fácil, nunca foi e provavelmente nunca será desenvolver um trabalho de promoção à leitura dentro de uma comunidade, principalmente tendo em vista que o sistema não permite que os cidadãos tenham consciência dos direitos que estão sendo cerceados. Entende-se que o trabalho realizado é importante para desenvolver a consciência crítica e reflexiva nos leitores, pais, responsáveis e comunidade de forma a interromper o ciclo de ignorância, exclusão e violência.

O capítulo a seguir busca-se responder os questionamentos e objetivos da pesquisa e trabalho de conclusão de curso, ou seja, apresenta-se um resumo sucinto das observações, relatos, análise de dados e resultados obtidos ao longo do estudo, pesquisa e condução do projeto. Também serão expostos os fatores que favoreceram, dificultaram e impulsionaram a produção dessa monografia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise reflexiva sobre teoria, prática e realidade experienciadas a partir das observações, relatos e coleta de informações possibilitou, como pesquisa-ação, não só enxergar as transformações já alcançadas pelo projeto, como também perceber as principais dificuldades encontradas em estabelecer relações com quem mais necessita ter acesso ao conhecimento, à cultura e à arte em uma comunidade do bairro Vila Velha, em Fortaleza.

A partir da análise das ações promovidas pela biblioteca, constatou-se a quão valiosa foi a contribuição do acesso ao livro, à cultura, à arte, no incentivo à leitura e na formação do leitor. Destaca-se o despertar, nas crianças, jovens e adultos, do gosto pela leitura, fruto de um planejamento pedagógico eficaz, boas práticas de leitura e estratégias de integração da comunidade com a biblioteca. Ademais, fez-se um processo de identificação e apropriação do espaço como centro de cultura e lazer, que possibilitou encontros, conversas, trocas de informações, tornando-se um espaço para discutir problemas e soluções, socializar, saciar curiosidades e alimentar o conhecimento e a imaginação.

Além disso, constatou-se que o incentivo dos pais e responsáveis contribuiu de forma significativa para o resgate ou a criação do hábito de leitura em crianças e adolescentes atendidos pelo projeto. Cabe destacar que a caracterização do entorno da biblioteca apresentou diversos aspectos referentes à vulnerabilidade sociocultural e à violência. Portanto, na análise, destacou-se a necessidade de atuação de profissionais que, além de promover o acesso ao livro e à leitura, sejam instruídos para formar cidadãos.

Diante desse cenário, verifica-se que o processo de formação do leitor é algo extremamente desafiador. A leitura é algo complexo que possibilita ao indivíduo não somente decodificar símbolos, códigos, gráficos, imagens, textos, mas refletir e compreender as relações sociais, políticas, culturais, educacionais e econômicas que ocorrem na comunidade e no mundo. Sendo mais favorável que a formação plena do leitor aconteça com a participação de um profissional qualificado, como o pedagogo, haja vista que ele tem uma formação polivalente, crítica, reflexiva e didática, sendo conhecedor das práticas pedagógicas e metodológicas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem de crianças, jovens e adultos, além de ser habilitado a trabalhar em diversos ambientes de educação.

Assim, pode-se constatar que a iniciativa sociocultural promovida pelo Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária tem o compromisso de oferecer à comunidade do bairro Vila Velha o acesso gratuito ao livro e à leitura literária, o que, para nós, é visto como um importante instrumento de inclusão, formação leitora, crítica e reflexiva, um passaporte para

transformação sociocultural da sociedade. Contudo, o papel de promover e ampliar o acesso à cultura literária não cabe somente à sociedade civil, está é uma função, dever e responsabilidade do Estado.

A Lei 13.696/18, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita, apresenta algumas diretrizes que visam além de fortalecer o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, universalizar o direito ao acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas. Como destaca-se a fala da autora do projeto a senadora Fátima Bezerra (PT-RN), que diz: “[...]com leitura são formados cidadãos mais críticos, autônomos e mais bem qualificados; são construídas organizações e instituições mais eficientes e inovadoras”. Para complementar esse raciocínio, a deputada Maria do Rosário (PT-RS) relata em seu pronunciamento o quão é importante para a educação e para sociedade a aprovação do projeto pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (PL 7752/17) ao dizer que: “A leitura e a escrita são habilidades imprescindíveis para uma educação de qualidade, emancipadora, que permita aos cidadãos buscarem sua independência intelectual”.

Como pode-se observar, as leis existem, basta que o Estado e os órgãos governamentais implementem e efetivem as metas e ações já definidas pela política Nacional de Leitura e Escrita. O Estado não pode, simplesmente, se ausentar de seu dever e se desresponsabilizar por garantir condições de acesso aos livros, à leitura, a equipamentos culturais ricos de conhecimentos que ajudam a tornar a existência humana mais repleta de sentidos e significados.

Ante o exposto, é imprescindível ressaltar e reconhecer também o quão importante é o papel desenvolvido pelos autores, escritores, artistas, educadores, pais e responsáveis na defesa e luta para tornar acessível e equalitário o acesso de todos ao universo da cultura letrada e literária.

Dessa forma, pode-se dizer que diante da aceitação e participação da comunidade nas ações desenvolvidas pelo Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária, constata-se a necessidade de ampliação das ações promovidas. Para tanto, buscar-se-á apoio junto a universidades e escolas, órgãos e entidades públicas e privadas que tenham como propósito realizar atividades socioculturais, que promovam e incentivem o acesso à cultura literária. Ademais, propõe-se a diversificação de atividades, por meio de oficinas de escrita, pintura e desenho, artesanato, xadrez, produção teatral, saraus, encontros com autores, exposição de fotografias, criação e recitação de poesia, cordéis, palestras, rodas de conversa, debates, biblioteca itinerante, dentre outras.

E para que possamos alcançar esse e outros objetivos é preciso continuar a sonhar, mas sonhar acordado, com os olhos abertos, o coração pulsante e a mente determinada a realizar a diferença e a transformação por meio da leitura. O sonho é alimento da imaginação, é o que nos mantém vivos, sem ele a vida perde a graça e o sentido. Ele que nos impulsiona a levantar todos os dias, nos salva da insensibilidade diante das atrocidades, nos fortalece para continuar lutando para transformar a vida e a realidade daqueles que não tiveram oportunidade de conhecer o mundo, de apreender, de sonhar, de viver, pois, para muitos, até o direito de sonhar e viver lhes foi arrancado. Sonho porque sou o fruto de um sonho que eu não sonhei, sou a prova viva do sonho, do amor e do desejo de uma vida melhor. Por isso, continuarei sonhando, lutando e alimentando os sonhos de transformação da minha comunidade por meio da leitura literária.

Não é preciso ter muito para ajudar a quem nada tem. É preciso ter coragem! Coragem para romper a bolha da mediocridade, arregaçar as mangas e fazer acontecer. Não é fácil sair da zona de conforto, mas, se realmente quisermos fazer parte de um mundo melhor, precisamos ressignificar as nossas ações e atitudes em prol de um bem maior.

Em cada desejo, sonho e missão em que nos envolvemos, aprendemos lições, que contribuem significativamente no nosso desenvolvimento, crescimento e formação. Esse processo é construído por meio de experimentações e iniciativas que, por vezes, dão certo e, por vezes, fracassam. No entanto, ambas as situações nos possibilitam aprender valiosas lições de vida e para a vida e nos demonstram que, com amor, perseverança, paciência e força de vontade, conseguimos alcançar nossos objetivos. O desenvolvimento da Pesquisa no “Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária” foi uma experiência enriquecedora para minha vida e formação como pedagoga.

Como coordenadora deste projeto e autora desta pesquisa, consigo identificar com clareza as possibilidades de ascensão que o projeto pode proporcionar à comunidade por meio do acesso ao livro e à leitura literária. Vejo também que são poucas as pessoas comprometidas a fazer a diferença. Então, o desafio de formar cidadãos conscientes, críticos e reflexivos deve ampliar-se a despertar também a generosidade, a empatia, ou seja, formar seres humanos humanizados, capazes de aprender e ensinar, falar e escutar, doar e receber, sensíveis e empáticos às necessidades enfrentadas por seus semelhantes, predispostos a ajudar e a lutar para garantir as mesmas possibilidades de acesso e igualdade de direitos para todos.

Após todas as reflexões, percebe-se que, mesmo não tendo despertado o gosto pela leitura em todas as crianças e jovens, oportunizou-se a alguns deles a chave para abrir a porta invisível do conhecimento. Com a chave nas mãos, eles estarão preparados para buscar auxílio

nos livros e na literatura e para dar sentido à vida. Acredita-se que terão curiosidade, sabedoria, criatividade e paixão para trilhar novos desafios, coragem para enfrentar e vencer os obstáculos, força e determinação para transformar momentos de crise e tristeza em momentos de luta e felicidade.

Todas as reflexões e sentimentos vivenciados nos fizeram perceber que devemos continuar semeando sonhos e novos caminhos. Para tanto, deseja-se ampliar e garantir a permanência das crianças, adolescentes, jovens e adultos que já estão cadastrados na biblioteca, como também ampliar o acesso dos pais e outros membros da comunidade às atividades artísticas e socioculturais desenvolvidas pelo Projeto Campo Literário. Como cantou Raul Seixas: “Sonho que se sonha só é só sonho, mas sonho que se sonha junto é realidade”. O projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária foi um sonho sonhado em conjunto que se concretizou.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- AGUIAR, I. Biblioteca Estadual do Ceará. **Site Professora Isabel Aguiar**, 05 dez. 2021. Disponível em: <https://www.professoraisabelaguiar.com/2021/12/ponto-de-cultura-de-fortaleza.html>. Acesso em 05 de maio de 2022.
- ALVINO-BORBA, A.; MATA-LIMA, H. Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 106, 2011.
- BATTLES, M. **A conturbada história das bibliotecas**. Tradução João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- BEDRAN, Beatriz Martini. **Ancestralidade e contemporaneidade das narrativas orais: A arte de cantar e contar histórias**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte - Área de Concentração - Teorias da Arte), Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.
- BOURDIEU, P. **Esboço de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, Renato. (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.46-81.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/.htm>. Acesso em 15 julho 2022.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 06 maio 2022.
- BRASIL. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 06 maio 2022.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 06 ago. 2013.

BRASIL. **Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018.** Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Política Nacional de Leitura e Escrita. Brasília, DF: Poder Executivo, 2018a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm>. Acesso em: 06 maio 2022.

BRASIL. **O Plano e Política Nacional de Segurança Pública e Defesa Social.** Brasília, DF: Ministério da Segurança Pública, 2018b. Disponível: https://www.justica.gov.br/news/copy_of_PlanoePoliticaNacionaldeSeguranaPblicaDefesaSocial.pdf. Acesso em: 07 maio 2022.

BUZZI, A. **Introdução ao pensar.** Petrópolis: Vozes, 1989.

BUSATTO, C. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e escrever.** Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

CEARÁ. **IPECE Informe**, n. 47, dez. 2012 (edição especial). Perfil Municipal de Fortaleza. Tema XI: Perfil do Analfabetismo nos Bairros. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2012/12/Ipece_Informe_47_03_dezembro_2012.pdf. Acesso em: 06 maio 2022.

CEARÁ. **O cenário da violência e da criminalidade no Brasil e no Ceará:** análise comparativa. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará / Ceará Pacífico: movimento pela vida, 2017. Disponível: https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/CP_Livro2_O-Cena%CC%81rio-da-Viole%CC%82ncia-e-da-Criminalidade-no-Brasil-e-no-Ceara%CC%81.pdf, 2017. Acesso em: 02 maio 2022.

CEARÁ. Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. **Relação das Bibliotecas Públicas do Ceará.** Sistema Estadual de Bibliotecas do Ceará (SEBC/CE). Disponível em: https://drive.google.com/drive/u/5/folders/1REz_3tNQ-vUIHbWRs6r9t4K-ktxi8QD5. Acesso em: 22 maio 2022.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

CIPOLINI, A. **Não é fita, é fato:** tensões entre instrumento e objeto um estudo sobre a utilização do cinema na educação. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS. **Relatório conjunto sobre a inclusão social, que sintetiza os resultados da análise dos planos de acção nacionais para a inclusão social (2003-05).** Bruxelas: COM, 2003.

FALABELO, R. N. de O.; LEÃO, D. S. Leitura e Escrita: experiências teórico-metodológicas em sala de aula. **Margens**, v. 8, n. 10, p. 225-248, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v8i10.2737>. Acesso em: 03 maio 2022.

FONSECA, F. F. *et al.* As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Revista Paulista de Pediatria**, Montes Claros, v. 31, n. 2, jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/Qtvk8gNNVtnzhyqhDRtLX6R/>. Acesso em: 15 maio 2022.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2009, 240 p.

FORTALEZA. **Fortaleza 2040**: plano de desenvolvimento econômico e social (versão preliminar). Prefeitura Municipal de Fortaleza, Instituto de Planejamento de Fortaleza, Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 2015. Disponível em: <https://acervo.fortaleza.ce.gov.br/download-file/documentById?id=ec71c362-514d-421f-9e91-b46d496aa034>. Acesso em: 17 jul. 2022.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, R. L. **Formação de Professoras Alfabetizadoras** – reflexões sobre uma prática coletiva. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GRAMACHO, Lilia. **A menina que não gostava de ler**. 1. ed. Editora: Aeroplano, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan/mar. 2006.

GOMES, J. O Papel do Mediador de Leitura nas Bibliotecas Comunitárias. **Carta Capital**, 16 nov. 2018. Disponível em: https://biblioo.cartacapital.com.br/o-papel-do-mediador-de-leitura-nas-bibliotecas-comunitarias/?fbclid=IwAR2pFd2_HIEC2AUYecLatL38UT5OlSriXy2eV_9agZk1NJITp8UzN_CssgY. Acesso em: 15 mar. 2022.

HERCULANO, D. Biblioteca Pública Estadual do Ceará é reinaugurada com novos espaços e mais de 100 mil títulos disponíveis. **Portal Governo do Estado do Ceará**, 12 ago. 2021. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/08/12/biblioteca-publica-estadual-do-ceara-e-reinaugurada-com-novos-espacos-e-mais-de-100-mil-titulos-disponiveis/>. Acesso em: 05 maio de 2022.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 4. ed. Editora Objetiva – Moderna, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 02 jun. 2022.

KRIEGL, M. de L. de S. Leitura: um desafio sempre atual. **Revista PEC**, Curitiba, v. 2, n.1, p. 1-12, 2002.

LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

LEMOS, A. A. B. de. Bibliotecas. *In*: CAMPELLO, B.; CALDEIRA, P. da T. (orgs.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. Artigos de demanda contínua. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. **Rev. Ensaio**, Belo Horizonte, n. 1 v. 3, jan./jun. 2001.

MARTINS, W. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MESQUITA, E. M. P. de. **Vulnerabilidade socioambiental**: mapas afetivos e degradação ambiental no Conjunto Vila Velha, Fortaleza, Ceará. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 94).

MILANESI, L. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. 2. ed. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

PIRES, C. **A violência no Brasil**. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.

REVISTA EXAME. 87% das bibliotecas comunitárias são encontradas nas periferias das cidades. **Portal Revista Exame**, 16 nov. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/87-das-bibliotecas-comunitarias-sao-encontradas-na-periferia-das-cidades/>. Acesso em: 06 maio 2022.

REZENDE, R. Rede de Leitura Jangada Literária. **Portal Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias**, 2020. Disponível em: <https://rnbc.org.br/redes/jangada-literaria-ce//>. Acesso em: 06 maio 2022.

SANTOS, J. M. O processo evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2012.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2007.

SILVA, J. S. da; KOHN, C. D. A contribuição da leitura nos anos iniciais para a formação do leitor crítico. *In: ENCONTRO CIENTÍFICO MULTIDISCIPLINAR*, 2., 2016, Aracaju.

Anais... Aracaju: Faculdade Amadeus, 2016, p. 76-93. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/28322704-A-contribuicao-da-leitura-nos-anos-iniciais-para-a-formacao-do-leitor-critico-1-resumo.html>. Acesso em: 08 maio 2022.

SOARES, M. Alfalettar - Biblioteca escolar e literatura. **Canal Nova Escola**, 19 de jul. 2017.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yQQtoyNhfGs>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SOUZA, C. M. de. Biblioteca: uma trajetória. *In: CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA*, III., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [S.l.], 2005.

TSUGUMI, N. Y. **Inclusão social no mercado de trabalho e hospitalidade**. 2006.

Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade) -

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2006.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

APÊNDICE A - FICHA DE CADASTRO DO LEITOR



Projeto Campo Literário
Biblioteca Comunitária

Endereço: Rua do Canal, Nº 77, Bairro Vila Velha 2, Fortaleza- Ceará CEP: 60349-770

Inscrição no Mapa Cultural do Ceará: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/43738/>

E-mail: campoliterario77@gmail.com Instagram: @campo_literário WhatsApp (85) 9 87052525

CADASTRO DO LEITOR

NÚMERO DE REGISTRO DO LEITOR: _____ **DATA** ____/____/____

NOME DO LEITOR: _____

DATA NASCIMENTO ____/____/____ **GÊNERO:** () MASCULINO () FEMININO

NOME DO RESPONSÁVEL: _____

ENDEREÇO: _____ **Nº:** _____

BAIRRO: _____ **PONTO REFERÊNCIA:** _____

TELEFONE: () 9 _____ **E MAIL:** _____

ESCOLA MATRICULADO: _____

TURNO: () MANHÃ () TARDE

PORTADOR DE DEFICIÊNCIA:

() AUDITIVA () FÍSICA () MENTAL () VISUAL () MOTORA

TERMO DE RESPONSABILIDADE:

Eu, _____
inscrevo-me como leitor do **Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária do Vila Velha II**;
comprometo-me a respeitar as normas e regulamentos, a responder por perdas e danos de livros a mim
confiados e a comunicar quaisquer mudanças de endereço.

POLÍTICA:

1. Trazer e apresentar sempre o cartão ou carteira de leitor.
2. No caso de perda do livro será cobrado uma taxa simbólica de R\$20,00.
3. Caso a devolução não ocorra no tempo determinado, o leitor fica impossibilitado de realizar novo empréstimo.
4. Sempre manter o livro em boas condições.

Assinatura do Leitor

Rubrica do funcionário

APÊNDICE B - MODELO DO QUESTIONÁRIO



Modelo do Questionário Aplicado Via *Google Form* aos Pais e Responsáveis

Prezado(a) Senhor(a) pais e responsáveis.

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa de conclusão de curso.

OBJETIVO DA PESQUISA: Esta pesquisa pretende analisar os efeitos provocados por práticas de incentivo à leitura em uma biblioteca comunitária sobre crianças da comunidade do Vila Velha II.

Desde já, agradeço a sua participação.

QUESTIONÁRIO

Você está de acordo em participar da pesquisa intitulada: **BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: EQUIPAMENTO DE PROMOÇÃO À LEITURA, FORMAÇÃO LEITORA, INCLUSÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL.**

() Sim, concordo em participar

() Não, não concordo

NOME:

Nº de Telefone ou E-mail:

(Estas informações serão utilizadas para eventual contato, mas não serão colocadas no trabalho)

QUESTÕES SOBRE O ESPAÇO DE PROMOÇÃO À LEITURA E CONVIVÊNCIA NA COMUNIDADE

1. Você conhece ou já visitou algum centro cultural na sua cidade?

() SIM

() NÃO

2. Se sim, qual? _____

3. Você conhece algum espaço de promoção e incentivo à leitura na sua comunidade?

() SIM

() NÃO

4. Se sim, qual? _____

5. Se ainda não frequenta, por quê?

- No meu bairro, não existem espaços de promoção e incentivo a leitura
- Não tenho o costume frequentar e me relacionar com os moradores do meu bairro

6. Caso você não frequente, alguém da sua família frequenta?

- SIM
- NÃO

7. Quem? _____**8. Você incentiva seu filho a participar das atividades promovidas pela biblioteca comunitária?**

- SIM
- NÃO

9. Você observou algum progresso no aprendizado, fala ou comportamento do seu filho depois que ele começou a frequentar a biblioteca?

- SIM
- NÃO

10. Se sim, qual? _____**11. Você acha que seu filho gosta de frequentar a biblioteca?**

- SIM
- NÃO

12. Por quê? _____**13. Quais as atividades que ele mais gosta de participar na biblioteca?**

- Contação de história e mediação de leitura
- Gravação de *Podcast* contando história
- Leitura Livre
- Oficinas
- Eventos
- Cine Literário
- Empréstimo de livro
- Diário de Releitura

15. O que você acha do espaço físico da Biblioteca Comunitária Campo Literário?

Muito Bom

Bom

Regular

Ruim

16. Por quê? _____

17. O que você acha do acervo literário da biblioteca?

Muito Bom

Bom

Regular

Ruim

18. Por quê? _____

19. Você gostaria que a biblioteca estivesse aberta todos os dias?

SIM

NÃO

20. Se sim, por quê? _____

Agradeço sua atenção e participação. Obrigada!

APÊNDICE C - EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS PÚBLICOS E GRATUITOS DO BAIRRO VILA VELHA

EQUIPAMENTOS PÚBLICOS E MUNICIPAIS	
EDUCAÇÃO - gestão municipal	
Escola Municipal Castelo de Castro – EF	Escola Municipal Maria Mariza Mendes De Carvalho – EI / EF
Escola Municipal Herondina Lima Cavalcante – EF	CEI Maristela da frota Cavalcante
Escola Municipal Antônio Correia de Lima – EF	CEI Mário Quintana
Escola Municipal Francisco Edilson Pinheiro – EF	Creche Parceira Olhar do Saber – Vó Francly
EDUCAÇÃO - gestão estadual	
EEFM Dona Hilza Diogo De Oliveira	Escola de Ensino Médio Liceu Vila Velha
EEFM Dona Maria Menezes De Serpa	
SAÚDE	
Hospital Distrital Gonzaga Mota Barra do Ceará	Posto De Saúde João Medeiros
UPA Vila Velha	Posto De Saúde Maria Aparecida
SERVIÇOS SOCIAIS	
Associação Comunitária de Benefício aos Amigos – ACBA	Centro Integração Social CIS Vila Velha
Associação Casa Dodô	Associação Vidança
Associação Filantrópica dos Moradores de Vila Nova	Associação dos Moradores do Conjunto dos Bancários
Emaús Vila Velha Amor e Cidadania	ONG consciência e Cidadania
Instituto Pensando Bem	Instituto João Miguel
Associação Punhos Unidos Fortaleza Vila Velha	Fundação Bezerra de Menezes – Fortaleza-Ceará
CENTRO COMERCIAL	
Centro Comercial na Avenida Mozart Pinheiro de Lucena	
SEGURANÇA	
Batalhão: 5º Bpm	Delegacia Seccional: 34º
Distritos: 17º, 33º, 7º, 34º, 1º E 3º	Plantonista: 7º E 34º
Bombeiro: 1ª Sb E 1º Gb	GPM - Vila Velha
CULTURA E LAZER	
Praça Santa Edwiges	Praça João Alexandre Mota
Praça Vila Nova	Praça do Polar
Praça de Nossa Senhora da Assunção	Praça Menezes de Serpa
Praça do Polar	Praça Castelo de Castro
Praça Av. Major Assis	Praça do Beira Rio
Praça da Doze	Praça do Herondina
Praça Campo da luz	Praça Tancredo Neves
Projeto Campo Literário Biblioteca Comunitária	

Fonte: elaborada pela autora

ANEXO 1 – RELAÇÃO BIBLIOTECAS PÚBLICAS



Relação Bibliotecas
Públicas.pdf

ANEXO 2 – RELAÇÃO BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS



Relação Bibliotecas
Comunitárias.pdf